

[(1884), Ponta Delgada, Tip. Popular]

**MATERIAIS PARA O ESTUDO ANTROPOLÓGICO DOS POVOS AÇORIANOS.  
OBSERVAÇÕES SOBRE O POVO MICAELENSE**

**PREFÁCIO**

Ce n'est pas uniquement en effet aux populations lointaines que de telles observations peuvent s'appliquer. Les pays dont l'étude anthropologique laisse le plus souvent s'appliquer. Les pays dont l'étude anthropologique laisse le plus souvent à désirer sont parfois ceux que nous habitons... Dans les grandes villes le mélange est plus ou moins complet; mais dans les villages, ceux des pays de montagnes notamment, il est loin d'être effectué encore et l'étude de ces diverses races pourrait fournir les plus utiles documents pour la connaissance intellectuel et morale de notre population. De tels observations auraient certainement autant d'intérêt que celles qui portent sur des samoyèdes et des esquimaux. Elles auraient en même temps l'avantage d'être à la portée de tout observateur sédentaire intelligent et consciencieux, sa résidence fut-elle dans le plus modeste village. Il n'est pas de recherches plus dignes d'occuper les loisirs d'un home instruit, il n'en est pas qui demanderaient moins de matériel et d'instruction préparatoire. Je n'en vois guère de plus utiles.

**Dr Gustave Le Bon**  
L'anthropologie actuelle et l'étude des races,  
- Rev. Scient. 17 Dec. 1881.-

L'home aussi mérite d'être observé, dans l'isolement ou il s'est volontairement placé en s'attachant à ces lointains rochers. Le développement d'une petite société qui, depuis quatre, subsiste dans de tels conditions, ses mœurs encore empreintes des vieilles traditions nationales, son costume, étrange chez les femmes, son industrie et son existence même, tour à tour menacée par les commotions volcaniques et les perturbations de l'océan. Tout inspire l'intérêt sur cette parcelle du vieux monde.

**Arthur Morelet**  
Not. sur l'hist. Nat. des Açores.

Todos os naturalistas modernos ligam, como é sabido, a maior atenção aos factos das ilha oceânicas. Em antropologia, os pontos isolados, uma ilha perdida no meio do oceano, um território cercado de montanhas escarpadas, tem dado a conhecer factos da maior importância.

A par dos factores gerais que vão produzindo a evolução de todos os seres, os organismos insulares tem sobre si o peso de diversas outras condições que aceleram e peculiarizam a transformação. Nos Açores, os moluscos terrestres, os insectos e as plantas silvestres, e até os animais domésticos, contam maior ou menor número de

formas mais ou menos distintas. Etnologicamente o homem açoriano está diferenciado também. Fornecer os materiais para se ir seguindo a marcha da diferenciação antropológica que se produzirá; estudar o meio, o movimento essencial da população, as condições económicas e sociais de existência, os sentimentos e a inteligência, os elementos antropológicos de que é formado o grupo micalense actual, isto é, estudar aonde vivemos, como crescemos, como vivemos, como sentimos e pensamos, e quais os nossos caracteres físicos, tal é o objectivo, despretensioso todavia, deste trabalho.

Dando o primeiro lugar ao estudo do meio, não é porque exageremos a sua importância. O isolamento e a redução dos elementos antropológicos, factos que a ciência vai julgando de uma importância capital, são certamente os unidos agentes de qualquer princípio de transformação que possa dar-se entre nós. Ainda antes de sabermos a que resultados chegaremos, não temos senão a convicção de que contribuimos para o conhecimento geral da espécie humana, principalmente para o conhecimento dos povos primitivos dos quais o camponês tem por toda a parte as maiores probabilidades de ser também o representante. É por isto que as nossas observações versam quase exclusivamente sobre o camponês.

Investigar a nossa origem particular e fixar o estado actual da manifestação antropológica, julgamos por enquanto ser o resultado principal do estudo que fazemos. Quando consideramos no quanto seria para nós precioso um estudo semelhante ao que hoje empreendemos, feito sobre os nossos primitivos colonos, convencemo-nos de que é urgente estudar o momento actual e deixar as nossas observações, pelo menos, com o valor desse estudo anterior que desejávamos ter encontrado.

O plano deste trabalho é inteiramente moldado no do estudo sobre a formação actual duma raça nos montes Tatras pelo Dr. Gustavo Le Bon – *De Moscou aux monts Tatras*, – *Bull. de la Soc. de géogr. de Paris*. Pelo que respeita ao espírito filosófico que tanto falta na antropologia, devemos acrescentar que o artigo de Wyrouboff publicado na revista *La philosophie positive - L'influence métaphysique en biologie. L'anthropologie, ce qu'elle est, ce qu'elle doit être*, nos deu a mais indispensável luz sobre o campo perfeitamente limitado deste «ramo duma ciência positiva, a biologia concreta, cuja independência se move entre a mamalogia e a história».

São numerosos os amigos que me auxiliaram na redacção deste trabalho; a todos envio a expressão de sincero reconhecimento não podendo deixar de mencionar aqui:

O Dr. Gustavo Le Bon, que, além do que devo à leitura das suas excelentes obras antropológicas, se dignou de acolher com aquela bondade que caracteriza os homens eminentes da ciência, a notícia do meu arrojado empreendimento, fazendo-me a obsequiosa oferta de um exemplar do seu estudo sobre a raça dos Tatras, criticando a adaptação que fizera do seu plano e exprimindo o desejo de ver em breve o resultado das minhas investigações, factos que nunca esquecerei;

O meu bom amigo Henrique das Neves, digníssimo capitão do nosso exército, sem cuja intervenção tão obsequiosa, me seria impossível medir seriamente e com a maior facilidade os 83 recrutas que formam quase toda a minha série de camponeses micalenses, isto é, o fundo deste trabalho;

O meu ilustre patricio e amigo, o Sr. Francisco de Paula e Oliveira, conhecido pelos seus trabalhos antropológicos lidos no Congresso de Lisboa, a

quem devo as séries de camponeses de Portugal, sem as quais nenhuma comparação me seria possível, e portanto nenhuma utilidade capital teria o meu estudo;

Os ilustres etnologistas portugueses, Adolfo Coelho, Leite de Vasconcelos e Teófilo Braga, a quem devo importantes comunicações linguísticas e etnológicas.

Ponta Delgada (Açores), 10 de Maio de 1883

## CAPÍTULO I

### O MEIO

Geografia da ilha de S. Miguel. – Geologia e mineralogia. – Botânica e zoologia.  
Clima – Paisagem.

Não é aqui o lugar para insistir sobre a posição bem conhecida do arquipélago açoriano. Contudo, em muitos pontos deste trabalho, será preciso recordar a sua pequena extensão e o seu profundo isolamento. S. Miguel, a maior das ilhas, tem apenas 61 quilómetros de comprimento por 14 de largura média. Pode portanto avaliar-se a sua superfície em 850 quilómetros quadrados.

A ilha, tendo uma forma alongada de leste a oeste, é essencialmente montanhosa. As montanhas não excedem a altura de 1089 metros, formam três grupos principais coroados de velhas crateras mais ou menos transformadas em lagos, e são cortadas em todas as direcções por fundas ravinas de paredes quase sempre escarpadas, aonde o geólogo lê sem custo a constituição vulcânica do solo.

Estes quadros geológicos apresentados pelas ravinas são formados de camadas de lava compacta alternando com escórias, pozolana, pomes, tufos vulcânicos. As montanhas elevadas e vizinhas das grandes crateras são, pela maior parte, uma simples aglomeração de calhaus rolados e de grossos fragmentos de pomes. A costa, na base da qual se amontoam enormes blocos de lavas negras, é quase por toda a parte cortada verticalmente e muito elevada.

A actividade vulcânica não cessou inteiramente de se produzir, ainda que hoje há somente a ideia dos horríveis tremores de terra sentidos pelos primeiros povoadores. No vale das Furnas há nascentes termais muito frequentadas pelos doentes e ricas em sílica, sais de soda e ácido carbónico; elas contêm também ferro, enxofre, sódio, potassa e alumina.

A flora e a fauna do arquipélago, comparadas por exemplo com as do arquipélago da Madeira, são extremamente pobres. As formas são europeias. As gramíneas e os fetos, numerosos em espécies, as ericáceas, mirsinas e lauríneas, pouco numerosas em espécies mas revestindo completamente as montanhas incultas, caracterizam a flora. Nas maiores alturas a flora perde esta composição e espessas camadas de *Sphagnum* ensopadas de verão e de inverno cobrem grandes extensões. A humidade do clima, além da multiplicação dos fetos, favorece a dos musgos e hepáticas. Tem-se encontrado nalgumas montanhas enormes troncos de uma espécie de *Cupressus* (?), restos fósseis dos grandes bosques primitivos de que fala a crónica <sup>(1)</sup>. Os bosques naturais estão hoje quase inteiramente destruídos; mas tem-se plantado muito em laranjais, pinhais, carvalhos, eucaliptos, acácias. Mencionaremos as principais plantas cultivadas falando da alimentação do camponês micaelense. As árvores frutíferas, excepto a laranjeira e a vinha, nunca foram cultivadas como noutras ilhas do arquipélago; as nossas frutas são de resto inferiores.

---

<sup>(1)</sup> Frutuoso – *Saudades da Terra*.

A fauna de S. Miguel é ainda mais pobre do que a flora. Nenhum mamífero além do morcego, facto aliás muito próprio de uma ilha oceânica, foi encontrado pelos primeiros povoadores. Os ratos e o coelho selvagem são hoje muito abundantes. Os pássaros são mais numerosos, o canário está excessivamente multiplicado e a codorniz também; a pomba da rocha é pouco abundante e a perdiz, muito comum na ilha vizinha de Santa Maria, não é possível aclimá-la aqui. Nenhuma dessas aves que embelezam os campos e os bosques de Portugal com o raro mimo do seu talhe ou do seu canto, se encontra nestas paragens. Umas vinte espécies marinhas de palmípedes e pernaltas completam a lista; mas o povo, ao contrário do que acontece em Santa Maria, não tira delas nenhum partido para a sua alimentação. Os répteis não são representados nos Açores senão por um pequeno lagarto raro inofensivo. O mar fornece uma grande variedade de peixes, mas o seu gosto é muito inferior ao das mesmas espécies pescadas nas costas de Portugal. As rãs, duma introdução muito recente, pululam por toda a parte; elas causam a maior repugnância à vista e ao paladar de todos os micalenses. De moluscos marinhos há a notar o polvo e diversas espécies de lapas (*Patela*) muito estimadas do nosso povo. O *Helix aspersa* (caracol vulgar) e algumas espécies de lesmas acham-se excessivamente multiplicados nesta região eminentemente favorável à vida dos moluscos terrestres. As formigas europeias domésticas e campestres, o gorgulho dos trigos, o grilo, gafanhotos da Europa, o terrível *Sphinx convolvulis* (bicho de batata) e diversas outras lagartas, e várias espécies do género *Aphis* (piolho da fava e do feijão), são os insectos que convém mencionar.

O clima dos Açores é, como se sabe, muito benigno. As variações diurnas de temperatura são fracas e as estações sucedem-se insensivelmente. O outono é uma estação excelente, ainda que a paisagem não apresente essa riqueza de tons tão apreciados noutros países. O simples exame da vegetação dá uma ideia perfeita da benignidade do clima: sabe-se de que modo, ao lado das plantas boreais indígenas, vegetam ao ar livre as plantas tropicais dos jardins, os fetos arbóreos, os bambus, as palmeiras, araucárias, bananeiras, camélias. Um vento do norte é frio e seco, o do sul quente e húmido; por esta razão e por causa da interceptação produzida pelas montanhas dispostas em cadeia longitudinal de leste a oeste, em S. Miguel as aldeias da costa do norte são mais frias e secas do que as do sul. As temperaturas médias do inverno, primavera, estio e outono podem exprimir-se por 12, 15, 20, 15° C. A humidade é grande. Os ventos dominantes em todas as estações são o SO e o NE.

Como conclusão deste capítulo, nós diremos alguma coisa da paisagem; sabe-se que a sua influência sobre os espíritos, por mais inconsciente que seja, é muitas vezes profunda. Ainda que a nossa paisagem seja em alguns pontos encantadora e que contenha dos mais belos efeitos de paisagem vulcânica, ela deve ser julgada em geral como pouco superior. Os caminhos são pela maior parte comparáveis a enormes sulcos abertos ao longo das terras; limitados de ambos os lados por enormes taludes ou altos muros negros, podemos aí andar enterrados horas inteiras sem vermos outra coisa; a imponência da campina é uma coisa que o nosso espírito não conhece. Para que a nossa maneira de ver não pareça inteiramente subjectiva, faremos bem em apresentar as impressões de alguns viajantes notáveis. Wyville Thomson, o ilustre naturalista da *Challenger*, compara o vale das Furnas a alguns vales da Suíça («the valley, at a thirst glance, looks strangely familiar»), e diz que a aparência geral das terras altas e o seu estilo de vegetação não deixam de ser semelhantes a algumas das partas mais ricas dos Highlands da Escócia. Morelet, falando dos Açores, escreve: — «Rien de mélancolique comme l'aspect que présente l'intérieur de ces îles, généralement inhabité. Une verdure

rase et persistante, composée de graminées, de myrsinés et de bruyères, se prolonge uniformément de montagne en montagne ; il est rare que la monotonie de la perspective soit variée par des arbres, à moins qu'ils n'aient été plantés. C'est au fond des ravins et des grandes déchirures produites par les commotions volcaniques, que la nature açoréenne se montre encore dans sa grâce primitive: les roches y sont parées d'élégants lycopodes; la bruyère indigène, aux sommités dorées, s'incline sur les escarpements, d'où s'élançe parfois à 10 ou 15 mètres d'hauteur, le trône blanchâtre du myrica. Une variété considérable de fougères, au feuillage dentelé, tapisse ces profondeurs, où règne une humidité perpétuelle».

## CAPÍTULO II

### A POPULAÇÃO

Movimento da população. – Grau de mortalidade nas crianças e fala de selecção.  
– Doenças predominantes. – Emigração.

A população da ilha de S. Miguel, segundo o Censo de 1878, é de 120.000 habitantes, aproximadamente 140 por cada quilómetro quadrado, o que é uma sofrível densidade para uma pequena ilha completamente explorada, exclusivamente agrícola, e, ainda mais reduzida quase à cultura do milho. Apresentando o Censo anterior, de 1864, o número de 106.000 habitantes, a população terá sofrido em 14 anos um aumento de 13%. Nenhum dos distritos de Portugal apresenta um crescimento desta ordem entre os referidos anos; o crescimento máximo é lá de 10% e apenas se encontra em 3 distritos, e os outros oscilam entre menos de 1 e 5 %.

É evidente que a benignidade do clima tem entre nós o primeiro lugar, podendo dizer-se que tudo quanto nasce escapa. Ao atravessar-se certas aldeias ninguém vê senão crianças. Isto que, para os nossos sentimentos de filantropia, é excelente, não o é da mesma sorte para as condições económicas de existência e para o aperfeiçoamento de raça pois que nenhuma selecção se produz pela eliminação dos fracos. A diminuição da força física faz-se mesmo rapidamente, duma geração para outra, os fortes camponeses do norte de Portugal não tem hoje aqui nenhum representante. Além disso os camponeses parecem fecundos de si, e os casamentos fazem-se no vigor da idade.

O movimento da população em 1881 foi como segue:

Casamentos	800 (0,6% sobre a população)
Nascimentos	4700 (3% sobre a população)
Óbitos	3000 (2,4% sobre a população)

A emigração tem pois tomado nestes últimos 10 anos umas proporções consideráveis. Temos à vista um mapa oficial da emigração, no distrito de Ponta Delgada, de 1872 a 1882 que não será inútil resumir que:

ANOS	N.º DE EMIGRANTES
1872 – 74	2.460
1875 – 77	2.232
1878 – 80	3.834
1881 – 82	<u>6.947</u>
	15.473

A principal corrente é para o Brasil; os Estados Unidos vem em segundo lugar, mas, de 1879 para cá, a emigração começou fortemente para Sandwich, chegando no ano de 1882 a embarcarem para lá 2.027 colonos do distrito de Ponta Delgada.

A população de S. Miguel está distribuída por 30 a 35 povoações mais ou menos bem situadas. Estas povoações, à excepção da cidade e vilas são por assim dizer

formadas por uma única rua extensa com casas a um lado e ao outro. Algumas há deste modo que se estendem por perto de uma légua (Bretanha, Candelária, Arrifes). O litoral é pois um povoado contínuo, e esta disposição é certamente das mais higiénicas. Contudo as epidemias vêm diversas vezes compensar a grande fecundidade dos habitantes roubando alguns centos deles. Elas duram geralmente de 2 a 6 meses, mas há exemplos de durarem um ano. São principalmente febres gástricas e tifóides, e a varíola. Geralmente elas não se produzem em cada ano em mais de 3 ou 4 freguesias, mas vão atacar outras no ano seguinte; algumas vezes, na mesma freguesia, a mesma epidemia reaparece no ano seguinte, mas isso é raro. Os esforços gerais, para combater essas doenças excepcionais, são prontos e eficazes tanto quanto possível; a cidade e as principais vilas possuem hospitais muito razoáveis.



## CAPÍTULO III

### CONDIÇÕES ECONÓMICAS E SOCIAIS DE EXISTÊNCIA

Antigas condições de existência. – Aptidões que elas puderam criar. Condições actuais de existência. – Estado de propriedade rural e da agricultura. – Extrema fertilidade do solo. – Estado do comércio e da indústria. – Salários. – Alimentação dos camponeses micaelenses. – Habitação, mobília, vestuário. – A família.

Se formos indagar as mais antigas condições de existência do povo português, veremos que elas foram das mais difíceis, nesse passado de uma preocupação constante da conquista e de sucessivas batalhas. Constantemente ocupados em defender a sua nesga de território e sem nunca terem alcançado o desenvolvimento de outros povos vizinhos, somente a indispensável aptidão agrícola poderia desenvolver-se a par da imperiosa aptidão guerreira.

Todos se queixam das condições em que actualmente vivemos, e, considerando que elas, na verdade, estão ainda muito longe de ser desgraçadas, convencemo-nos de que os micaelenses estão ainda muito habituados aos restos das condições excepcionalmente favoráveis que o primitivo colono veio encontrar. Abandonados, é verdade, sobre um solo horrorosamente vulcânico, mas encontrando nele uma fertilidade fabulosa e recebendo-o gratuitamente ou mediante uma retribuição insignificante, os primeiros povoadores encontraram aonde exercer do modo mais pacífico e menos trabalhoso a sua aptidão agrícola. Isto determinou a formação de opulentas casas vinculares e de lavoura, e o nosso camponês de há 40 ou 50 anos, sem condições de desenvolvimento intelectual, sem aspirações, com uma saúde robustíssima, sentia-se ainda viver à farta com a máxima *fartura portuguesa*. A sobriedade e a parcimónia nem por isso deixaram de ser ainda caracteres predominantes na penúltima geração, e a casa do lavrador não se distinguia da do jornaleiro que lhe sachava as terras, senão por ser maior e ter maior número de animais domésticos e instrumentos agrícolas; mas não pela alimentação, nem pelos costumes, nem pelo vestuário, nem até pela mobília. O lavrador, por mais abastado que fosse, estrumava e semeava com a própria mão, ao lado do camponês, conduzia a boiada à fonte e ao pasto. As senhoras abastadas faziam às vezes com a própria mão os mais rudes trabalhos domésticos, e eu conheço duas ou três senhoras instruídas e tendo até viajado, que dirigem inteligentemente e com a maior predilecção o resto de antigas lavouras de família. Tudo isto mudou radicalmente.

Vejamos quais as condições actuais económicas e sociais de existência começando pelo exame do estado da propriedade rural e da agricultura.

A terra tem-se conservado sempre num pequeno número de mãos. A distribuição feita aos primeiros povoadores parece ter sido circunscrita aos principais, o que se vê claramente na enfiteuse que reveste quase sempre a pequena propriedade, apesar do grande número de remissões que se tem feito. Numerosos vínculos instituídos posteriormente mantiveram esta distribuição, que ainda hoje tende fortemente a manter-se pela inclinação irresistível que tem os membros das classes abastadas para casar

vantajosamente e na família. Pode dizer-se pois que a ilha pertence a uma dúzia de grandes proprietários que possuem por toda a parte grandes corpos de terras, compreendendo toda a sorte de terrenos e alguns dos quais se estendem do mar à serra absolutamente como as ricas sesmarias dos primeiros colonizadores <sup>(2)</sup>.

O valor da propriedade tem abaixado consideravelmente. As terras e as casas, nas arrematações judiciais, avaliadas por um preço já baixo, só acham comprador por metade quase sempre e mesmo por menos. Este estado, porém, data de poucos anos e coincide com a decadência do nosso comércio de laranja, decadência que tem a sua maior manifestação no grande número de quintas que por toda a ilha estamos a arrancar.

A fertilidade do solo é ainda muito grande e parece que em parte nenhuma de Portugal há terrenos tão férteis como os nossos. Um alqueire de terreno (13,93 aras) produz regularmente 20 alqueires de trigo e 30 de milho, isto é, 30 e 40 sementes; em 1882 nos terrenos inferiores e elevados que avizinham a Serra Gorda, a colheita das favas foi de 50 alqueires (800 litros), por alqueire de terra, e num corpo mais favorecido chegou a ser de 62 alqueires. Depois duma colheita destas, os cultivadores tiram ainda do mesmo terreno uma excelente produção de milho.

A cultura predominante é a do milho. O trigo vai sendo muito pouco cultivado pela sua menor produção e porque degenera prontamente, sendo necessário renovar a semente quase todos os anos, a qual nos vem principalmente da ilha de Santa Maria. A cultura do feijão está quase de todo abandonada por causa dum *Aphis* que ataca também os favais. Tem-se ultimamente desenvolvido muito a cultura da batata doce (*Convolvulus batatas*), não só porque fornece ao povo uma alimentação barata, chegando-se a vender assada pelas vendas da cidade, mas pelo estabelecimento de algumas fabricas de destilação; conquanto a sua produção e consumo sejam bons, a cultura é complicada e dispendiosa. As hortaliças e os mogangas, abóboras, melões, melancias, são duma vasta cultura popular e produzem bem. O tabaco é muito cultivado há anos. As árvores frutíferas, à excepção das laranjeiras, nunca passaram, por assim dizer, de curiosidades, devido à inferioridade dos seus produtos; a própria vinha, tão importante antes do oídio como a laranjeira o foi depois, nunca rivalizou com a de outras ilhas do arquipélago.

Apesar do alimento da nossa considerável população ser quase exclusivamente tirado do milho, a sua cultura é tão vasta e a produção tão grande, que, ao menos de 1840 para cá, não temos cessado de exportar um grande número de moios por ano, sendo raras as importações. Nos quinquênios abaixo, a média da exportação anual foi:

1840 – 1845 . . . 5040 moios	1860 – 1865 . . . 7510 moios
1845 – 1850 . . . 3030 “	1865 – 1870 . . . 4720 “
1850 – 1855 . . . 9370 “	1870 – 1875 . . . 7510 “
1855 – 1860 . . . 4210 “	

---

<sup>(2)</sup> Uma outra coisa, mas que não é especial, tende também a manter ainda, e revestida de resultados incomparavelmente piores, este estado primitivo: a pequena propriedade tendente a produzir-se pelo aumento da população e partilha comum, tende a desaparecer pela absorção muitas vezes completa que as custas de inventário fazem da pequena herança. Os filhos do pobre camponês que levou toda a sua vida a acumular um miserável património, são assim, como aliás em toda a parte aonde a lei é a mesma, completamente deserdados em favor dos empregados da justiça e dalgum *brasileiro* que vai arrematando tudo por metade do preço da avaliação.

A exportação mínima foi de 494 moios e a máxima de 10627.

Vemos pois que, graças à situação geográfica, as culturas são variadas e vantajosas, apesar das causas estranhas às condições de vegetação que as tornam presentemente insuficientes para manter a antiga fartura e satisfação pessoal de toda a gente.

Para aproveitar a fertilidade do solo, parece que os micalenses dispõem duma índole muito melhor do que os outros açorianos. Eles são robustos, vagarosos mas aturados no trabalho, activos nas sementeiras e colheitas, e, se são rotineiros e muitas vezes cabeçudas na rotina, fizeram as adaptações indispensáveis às particularidades do solo e cultivam com o maior cuidado e aproveitamento. Não há em S. Miguel um palmo de terra perdido; na parte central e baixa da ilha, a cultura dos cereais estende-se duma costa à outra, e sobe por entre os matos e pastagens em toda a parte aonde pode produzir alguma cousa. Os pequenos montes que circundam a cidade estão completamente convertidos em frondosas quintas. As rochas das 7 Cidades cultivadas de inhames nas partes apenas acessíveis, fazem lembrar os aproveitamentos semelhantes das escarpadas montanhas da Suíça. Os produtos agrícolas mais secundários são também aproveitados escrupulosamente para estrumes, para queimar, ou para comidas dos animais. Há um facto que distingue radicalmente a vida agrícola de S. Miguel da do Continente e que concorre muito para o que acabamos de descrever, é que os grandes proprietários de lá abandonam completamente as suas terras à administração de *caseiros* para lhes comerem as rendas ociosamente na capital, e que os nossos tratam directamente com os rendeiros, e estimulam-nos, explorando por conta própria uma grande parte dos terrenos. Um grande atraso se pode notar: os estrumes são abandonados pelos cantos dos pátios ou dos quintais, donde as chuvas fazem escorrer para os caminhos os princípios fertilizadores já de si pouco abundantes, e o melhor meio usado para adubar as terras consiste ainda em enterrar o tremoço verde.

Os instrumentos e utensílios agrícolas são primitivos e pouco variados, mas talvez muito suficientes num terreno solto e acidentado suavemente. Eles diferem mais ou menos dos que são usados no Continente, sobretudo o trilho que é o dos antigos egípcios: duas ou três tábuas ligadas por travessas e crivadas de fragmentos de lava <sup>(3)</sup>.

Conforme aos dados positivos e às informações dos próprios rendeiros, vê-se que as terras, apesar das elevadas rendas que pagam, deixam líquidos, 45 a 50 % do

---

<sup>(3)</sup> «..... Il suffit de parcourir les villages tartares ou arméniens pour se convaincre qu'aucune amélioration ne s'est produite depuis ces temps reculés où l'arche de Noé, s'arrêtant sur le sommet de l'Ararat, a permis à l'humanité de recommencer sa paisible existence. Voici le chariot primitif, l'*arba*, avec ses roues pleines faites de planches et attachées à l'essieu qui tourne en même temps qu'elles, voici cette invraisemblable machine à battre le blé – peut être un reste de l'âge de pierre – des silex enfoncés dans une planche qu'un cheval ou un buffle traîne et sur laquelle un enfant est assis pour lui donner plus de poids; voici le *bardak*, cette grande cruche en terre, d'une forme étrange, primitive, dans laquelle on garde l'eau, fort rare dans le pays; voici ces huttes à architecture uniforme que l'on construit en quelques heures avec de la terre recueillie dans le voisinage ou avec des cailloux ramassés sur la route; ...» - G. Wyrouboff, *Lettres d'Asie* (Rev. Phil. Positive, 1878).

É extremamente interessante a leitura deste fragmento quando sabemos que os micalenses estão precisamente no mesmo estado. O *arba* arménio é o nosso carro de bois cujas rodas, pregadas ainda há vinte anos com pregos colossais que uma postura da câmara condenou, abriram sulcos de um palmo de profundidade nas duras lavas dos caminhos; a «invraisemblable machine» é exactamente o nosso *trilho*; e o *bardak* corresponde perfeitamente ao nosso talhão de barro cozido, de Santa Maria, cujo bojo tem muitas vezes mais dum metro de diâmetro e que é então, pelo contrário, usado num país aonde a água abunda.

capital empregado, em um ano de produção normal <sup>(4)</sup>. Ao considerar esta percentagem, parece que, apesar de tudo, não há ninguém mais feliz do que o rendeiros micaelense; mas a grande população e a índole essencialmente agrícola do povo, determinando uma grande concorrência, e a falta absoluta de capital, não permitem ao nosso proletário agrícola granjear um suficiente número de alqueires de terra; os 3 ou 4, ou mesmo os 10 ou 12 que lhe possam caber ou que ele se ache habilitado a granjear, ainda mesmo que o lucro fosse muito maior, não bastariam para o sustento anual da sua família. Estando, como está, a propriedade rural num pequeno número de mãos e dando-se estas circunstâncias, os arrendamentos são de facto apenas um complemento da agência principal do camponês que consiste em sachar por conta alheia as terras e as quintas; ele considera mesmo o sacho como o seu único ganha-pão e compara com ele tudo o que fornece o principal meio de vida, dizendo a cada momento e indiferentemente a propósito da caneta dum escrevente ou do jumento que morreu ao arrieiro — «Não tem outro sachinho», «Era o seu sachinho».

Os salários do camponês regulam presentemente por 160, 200 e 240 reis para os homens e 120 reis para rapazes fortes e mulheres; no tempo das colheitas chega-se a pagar, na cidade e vilas, cada jornal de homem a 480 e a 600 réis. Em algumas aldeias o jornal é ainda pago a género, quarta e meia de milho por dia (6 litros).

Não julgamos inúteis algumas indicações sobre preços médios de géneros e animais agrícolas:

- 1 alqueire de milho (16 litros) – 400 a 600 réis.
- 1 “ de trigo – 700 a 800 réis.
- 1 “ de favas – 400 a 480 réis.
- 1 arroba de batata doce (15 quilos) – 100 a 200 réis.
- 1 quilo de lã – 600 réis.
- 1 vaca de leite – 20:000 réis.
- 1 cavalo de lavoura – 30:000 réis.
- 1 bôa besta muar – 40:000 réis
- 1 burro bom – 20:000 réis.
- 1 boi de açougue – 50:000 réis.
- 1 porco gordo – 25:000 réis.

---

(<sup>4</sup>) CULTURA DE MILHO EM 1 ALQUEIRE DE TERRA DE 6\$000 REIS

<i>Despesa:</i> -	Estrumes (incluindo tremço).....	2.500
	Sementes.....	360
	Lavrar, semear, colher.....	<u>1.800</u>
		4.660
<i>Receita:</i> -	30 alqueires de milho a 400 rs.....	12.000
	Comidas para animais.....	<u>800</u>
		12.800
	Líquido das despesas.....	8.140
	Renda.....	<u>6.000</u>
	Lucro.....	2.140

As aptidões legadas pelo passado e a fertilidade do solo deixam sem estímulo muitas indústrias populares possíveis de tentar-se com vantagem. Por toda a parte os camponeses fabricam as estamenhas e panos de linho de que se vestem; mas, com a importação enorme de algodões baratos, isto mesmo vai decaindo.

Antigamente na vila da Ribeira Grande a indústria tomou um certo desenvolvimento, e ainda hoje é lá que está monopolizada a fabricação de todos os pequenos instrumentos agrícolas de ferro que se gasta na ilha. A importante ribeira que atravessa aquela vila faz com que seja lá também a principal moagem de cereais, mas os moinhos são duma construção muito primitiva.

Fora das ocupações agrícolas, os camponeses micaelenses servem de criados na cidade e nas vilas, ganhando de 1200 a 1800 réis e comida, serram madeiras pelas matas, vendem pelas ruas a lenha dos matos e o carvão que lá fabricam pelo processo mais primitivo que se conhece; no vale das 7 Cidades e em aldeias vizinhas, a lavagem das roupas da cidade ocupa um grande número de famílias. Há algumas fábricas, ainda que simples choupanas, de curtume de couros, mas nem uma só de manteiga de vaca ou de queijo, como na ilha de S. Jorge, por exemplo, donde nos vem todo o queijo de vaca que gastamos, e somente fabricamos alguns de cabra, poucos e maus. A disposição, até de ruínas pastagens, para a produção do milho, deixa aliás sem razão de ser, entre nós, o desenvolvimento dos gados.

O movimento comercial interno e externo tem tido nos últimos cinquenta anos um aumento muito considerável. O rendimento do tesouro na Alfândega que em 1830 foi de 26 contos de réis, subiu já em 1855 a 105 contos e nalguns dos últimos anos tem sido de mais de 250; mas, com a decadência do nosso principal ramo de comércio, a laranja, as cousas não passarão muito daqui.

As aptidões comerciais do camponês não são grandes. O povo da Ribeira Grande, sendo o mais industrial, é também o mais traficante; mas geralmente a inaptidão é sensível, mesmo nas transacções mais simples e inteiramente agrícolas. Fazer, por exemplo, um balaio *pelo milho que ele leva* <sup>(5)</sup>, debulhar milho pelos carrilhos (sabugos), malhar tremço pela palha e lavar pela erva, são ainda contractos primitivos quase exclusivamente seguidos por toda a ilha.

A base da alimentação dos camponeses micaelenses é o pão de milho e a couve; eles são essencialmente comedores de pão, e, por casa fragmento de peixe salgado tirado com o canto da unha, eles ingerem todo o pão que podem mastigar duma vez; há mesmo o adagio — «tudo com pão faz o homem são», mas isto parece contudo mais uma regra de economia do que outra cousa. Eis o regimen geral do nosso camponês: — ao erguer-se antes do romper do dia, come uma *açorda d'azêdo* que ele reputa essencialmente estomacal, e que prepara com cebola, alho, vinagre, manteiga de porco e uma pitada de açafroa, tudo fervido em água suficiente para depois molhar uma metade de pão de milho que se esfarela com a mão; pelas oito horas comem no trabalho um segundo almoço de peixe salgado que condutam escrupulosamente e mastigam com o maior descanso; ao meio dia outra refeição de pão e peixe; ao voltarem do trabalho faz-se a refeição definitiva, em família, e que se compõe de pão e de couves migadas e cozidas com manteiga de porco, sal e pimenta. Nestas diversas refeições um camponês

---

<sup>(5)</sup> Nas antigas leis da Arábia quem matasse um camelo pagaria de multa o *trigo necessário para cobrir o cadáver*.

vigoroso come pão e meio por dia, isto é, nunca menos de 2 quilos de massa de milho<sup>(6)</sup>.

O leite não constitui presentemente uma alimentação predominante, nem mesmo para os pastores, como em certas populações doutros países, porque eles, em virtude da pouca extensão da ilha, estão sempre na possibilidade de descerem diariamente a casa para comerem o seu caldo quente, e quando se desviam por algum tempo é ainda ao pão que pedem o seu principal alimento, vindo renovar a provisão no fim da semana, e a razão principal disto é o pouco desenvolvimento dos gados e a maior barateza dos outros alimentos.

O toucinho e a carne de porco, formando há poucos anos ainda uma grande parte da alimentação dos camponeses, são hoje raros na sua tigela, porque o leitão que se cria presentemente é já com o destino de ajudar a pagar a renda da terra ou a alimentação mais indispensável, o que geralmente sucede.

O milho cozido em água, as favas, o inhame e a batata doce, o mogango, a melancia, o melão, os figos, as nêspersas, a laranja, dão uma importante variedade à alimentação do nosso povo. Muitas famílias mais pobres alimentam-se alguns meses com o saramago (espécie de *Raphanus*) em lugar das couves, indo-o mondar nas cearas aonde vegeta bem e abundantemente. A pimenta e o sal são condimentos indispensáveis e de que se faz uso excessivo. O azeite que em Portugal é tão estimado para tempero de todas as comidas e que os nossos antepassados usaram largamente, repugna hoje ao estômago micalense a não ser com o peixe.

A habitação dos camponeses micalenses mais pobres é das construções civilizadas mais simples. Quatro paredes grossas não fechando uma superfície de mais de 40 metros quadrados e da altura suficiente para conter uma porta por onde passe um homem alto sem se curvar muito, um tecto de palha da mais simples e fraca armação, mas bastante alto; eis o que basta para abrigar pai, mãe e meia dúzia de filhos<sup>(7)</sup>. As paredes não são caiadas nem por dentro nem por fora mesmo na maior parte das casas cobertas de telha. Os tectos das casas de palha são muito altos, mas é raríssimo encontrar-se uma mansarda. Estas habitações são divididas em dois ou três compartimentos por meio dum frontal de madeira, ou de um tecido de canas rachadas a que chamam tanhos. No compartimento central, chamado o *meio da casa*, dormem os filhos amontoados em uma ou duas enxergas que se levantam de dia. As chaminés são grosseiramente construídas e nunca se elevam acima da empena. Muito raras vezes há um sobrado mesmo no quarto da cama do chefe de família; o pavimento é de terra apenas calcada e polida pelos pés descalços, e quando muito põe-se no lugar aonde as mulheres se assentam um capacho grosseiro.

Em frente da porta de entrada, mesmo quando ela olha para a rua, há geralmente o pátio do porco assombrado por uma figueira, entrando-se para casa por entre os

---

<sup>(6)</sup> A panificação faz-se de dois modos: dando à massa a forma de calotes esféricas de quase 3 decímetros de diâmetro e 8 a 10 centímetros de altura, e que são cozidas no forno e a que se não chama *broa de milho* como em Portugal, aonde mesmo têm outro feitio, mais elevado; e fazendo com a massa um disco de 3 a 4 decímetros de diâmetro e 2 centímetros de espessura, que se coze no lar sobre uma sertã de barro e a que se chama *bolo de milho* ou *da sertã*. Este último processo dá um produto efectivamente mais saboroso e parece que mais fácil de digerir.

<sup>(7)</sup> Nalgumas aldeias (Arrifes, Bretanha, Ginetes, Feteiras) há uma disposição curiosa das habitações que parece resto dum uso geral primitivo. Nestas casas, que são sempre das mais pobres e velhas, a porta nunca abre para a rua; para esta dá quando muito uma pequena janela na empena e muitas vezes nem mesmo isto; entre casa e casa há um pátio ou corredor por onde se faz a entrada.

Nos atalhos dos Ginetes e Candelária encontra-se em muitos pontos três e quatro choupanas a seguir nas quais o que está à frente do caminho é a empena da chaminé e do forno, o que nos faz parecer que passeamos na rua dum cemitério. Tudo isto parece indicar um notável sentimento de reclusão que sabemos existir aliás em muitas outras coisas, principalmente no traje feminino do *capelo*.

animais e por cima dos estrumes, e isto é tão característico que ainda hoje se vê nos mais abastados lavradores (<sup>8</sup>).

O interior contrasta porém um pouco com esta aparência de muito pouco asseio: as copeiras e os frontais estão sempre enfeitados com ramos de faia ou de *incenso*, a mesa tem canecas de flores e o chão é coberto com juncos, funchos, ou rama de pinheiro; as camas andam sempre bem feitas, com as suas mantas de retalhos ou colchas de chita enramada.

Tal é a morada em que vive a maior parte das famílias do povo micaelense. Nas aldeias dos arredores da cidade as casas são pelo contrário maiores, de construção mais moderna e de telha. Na extremidade oriental da ilha, aonde a miséria verdadeira existe alguma vez, há casas de taipa, mas isto é um facto de nenhuma importância geral (<sup>9</sup>).

A mobília dum camponês é assaz modesta e toscamente feita: uma barra, uma mesa, uma caixa e duas cadeiras.

O vestuário compõe-se de 2 ou 3 camisas de algodão, já muito raramente de linho, de uma jaqueta, colete e calças de estamemha azul, preta ou mesclada, de calças e camisola de linho para trabalhar, *carapuça* e chapéu de palha ou de feltro fabricado geralmente na ilha, e o espesso barrete cónico de lã grossa. O camponês calça as suas botas grosseiras, de cano curto, apenas ao domingo e dias santos. Há muito menos de um século que o traje era o que ainda hoje usam muitos camponeses de Portugal: calção amarrado no joelho e ceroula perdida. As mulheres no trabalho usam, quase sempre sobre a camisa, uma saia forte de estamemha ou *de manta* (tecida de retalhos como as mantas de cama), um colete de pano branco de algodão e um casaco curto de chita, e para os dias de festa tem o vestido de chita sem enfeite algum, um xaile barato, um capote de pano e, em lugar do *capelo* mais usado pela classe média, trazem na cabeça um lenço branco marcado de corações e cantigas, ou de cores vivas, principalmente o amarelo. O chapéu de palha, característico nas mulheres do Pico, é apenas usado pelas nossas camponesas nos trabalhos rurais do estio. O vestir primitivo parece ter sido muito mais miserável do que o de hoje: o fabrico insulano da estamemha tem-se aperfeiçoado consideravelmente, os algodões importam-se em larga escala e são baratos, e o nosso camponês não faz os seus botões de rodela de couro para as calças de hoje, como se fazia ainda para os calções de há setenta anos.

Tendo visto as condições em que vive actualmente a família camponesa de S. Miguel, vejamos quais os laços que a formam.

Em geral o camponês micaelense procura casar-se logo que ganha o máximo jornal a que pode aspirar. Uma paixão nunca se encontra; o namoro faz-se na maior prosa e muitas vezes com pouco platonismo, desmanchando-se e substituindo-se com a máxima facilidade. A brutalidade que reveste a convivência dos noivos é mesmo proverbial em certas freguesias; mas depois as cousas mudam inteiramente, estimando-se verdadeiramente mulher e filhos. Há, ao menos nas freguesias da parte ocidental da ilha, um costume curioso entre casados: para a missa, para uma festa ou para uma visita, o marido vai invariavelmente adiante da mulher, caminhando com a maior gravidade.

---

(<sup>8</sup>) Deste uso tão geral nasceu mesmo a frase popular *não ter porco à porta* para significar *não ter arranjo nenhum*.

(<sup>9</sup>) No vale das 7 Cidades encontra-se a arquitectura ciclópica exactamente igual à que Sir Wyville Thomson encontrou na ilha de Tristão da Cunha. Um tufo amarelo tirado mesmo no vale, é cortado com machados em cubos e paralelepípedos que se coloca sem cimento uns sobre os outros para formarem a parede, ficando o cimo da empena em escaleira e não afeiçoado em plano como na ilha visitada pelo *Challenger*, mas quase todos os exemplares destas construções que vi há sete ou oito anos ainda bem distantes da borda da lagoa, estão hoje submergidos.

Nos casamentos populares a questão do interesse pecuniário está cada vez mais atendida, por menos que haja a esperar; os pais do noivo, por via de regra, opõem-se, e os da noiva activam e dão o dote que podem, geralmente a casa.

A mulher casada é activa e zelosa nas suas ocupações; pode dizer-se que acorda a cantar ao pé do moinho, aonde mói valentemente todo o pão do dia; a roupa anda sempre lavada e perfumada com ervas aromáticas, o chão varrido. Ela ajuda o marido na cultura da terra que trazem de renda, e, no tempo das colheitas, aluga-se pelas eiras e pelos campos, fazendo muitas vezes os trabalhos mais árduos como a malha das favas e do trigo, e trabalhando com uma diligência inteiramente superior à dos maridos.

A educação intelectual que o camponês dá aos filhos pode dizer-se que é nenhuma; as mães atendem muito à educação religiosa e o exemplo moral é regular. Os filhos barbados vivem numa obediência muito menos cega do que era dantes, mas ainda bastante forte, pelo menos enquanto não casam, e entregam religiosamente aos pais toda a fêria no fim da semana <sup>(10)</sup>.

---

<sup>(10)</sup> Não passaremos ao cap. seguinte sem deixarmos consignados em nota alguns factos que ao menos fazem lembrar a primitiva constituição da família, e se prendem com a noção de parentesco que é ainda hoje a regra em muitos povos atrasados.

A preferência dada aos apelidos parece um resto de conduta assaz primitiva. Muitos selvagens ainda hoje não passaram do estado grosseiro de não terem nome próprio e de se chamarem o curto ou o longo, o aleijado, o corcunda, segundo as particularidades aparentes da sua conformação. Sem dúvida os nossos camponeses estão longe das hordas grosseiras que não têm outro modo de apelação; mas, por isso mesmo que eles têm os seus nomes de baptismo e de família, é notável que no uso familiar os não empreguem quase nunca e dêem uma excessiva preferência às numerosas alcunhas que fabricam.

Certamente por toda a parte se encontra isto mais ou menos; mas entre nós parece haver um grande excesso, acontecendo muitas vezes que os nomes de baptismo e de família são completamente ignorados. O viajante inglês atento observador Bullar

(2) notou muito isto acrescentando, o que é perfeitamente exacto e mais para notar, que os próprios nomes de família eram por uma grande parte e muito recentemente alcunhas ofensivos ou picarescos. A vila da Ribeira Grande tem mesmo uma reputação popular neste ponto; ali não nasce nem entra ninguém que não seja logo alcunhado, quase sempre do modo mais grosseiro. Em 200 indivíduos desta vila, primitiva a muitos outros respeitos, cuja lista tenho presente, há com certeza 30 cujos nomes de família eram há anos alcunhas fortemente repellidos pela sua relação com particularidades do físico e do moral.

Nas freguesias da costa ocidental da ilha, principalmente na Bretanha, tenho tido ocasião de observar um curioso sistema de apelação, sistema tanto mais curioso, quanto é certo que, *sendo matéria corrente nas ditas freguesias, é ouvido com a maior estranheza por todos os camponeses de outros lugares a quem o exponho*. Ele consiste em dar como cognome aos filhos masculinos o nome de baptismo das mães, e assim sei que há na Bretanha – Jacinto Helena, João Carlota, Manuel Ricarda, Francisco Albina, Manuel Albina, Luiz Albina, António Teresa, José Teresa, Francisco Josefa, António Josefa, Francisco Rita, José Guiomar, únicos nomes porque são muitas vezes conhecidos e porque sempre são tratados familiarmente. Esta apelação é o João Maria e o Luís Maria das classes ilustradas de todos os povos latinos, usado em muito maior grau; mas fala-a muito curiosa entre nós essa grande generalização e o ser mais ou menos particular a um grupo de habitantes: em toda a parte da ilha se diz o *António da tia Teresa*, mas, repetimo-lo, todos os outros camponeses ouvem com estranheza chamar *António Teresa*, e, na realidade, esta composição heterogénea seca faz certa impressão. Em todos os nomes que indicamos, o cognome é o *nome de baptismo da mãe*.

Começa-se hoje apenas a abandonar o costume, geralmente usado nas antigas famílias abastadas, de tratar por tios os primos filhos de irmãos dos pais, e o costume que ainda se pode ver em muitas aldeias, de se pedir a benção ao mestre-escola com o mesmo respeito com que se pede aos pais. Sumner Maine, estudando o primitivo direito irlandês, diz-nos que «os antigos irlandeses consideravam como particularmente sagrada e intimamente análoga à paternidade natural a relação de professor com discípulo», sentimento tão forte que chegou a fazer estabelecer nos tratados «uma *patria potestas* como a paternidade real», e a criar um direito vitalício a uma parte dos bens do discípulo.

A importância ligada ao parentesco espiritual é grande entre os nossos camponeses: dois irmãos de qualquer sexo, se um deles foi padrinho do filho do outro, nunca mais se tratam senão por compadres; por mais que dois compadres se odeiem, tiram sempre o chapéu ao passar pela casa um do outro, dizendo para si: «Deus salve a casa do meu compadre!».

(1) E. Lesigne – *Rev. Phil. Posit.* Tom. XXI – La famille dans le passé.

(2) *A winter in the Azores.*



## CAPÍTULO IV

### PSICOLOGIA DO GRUPO

Principais factores da constituição mental do povo micalense. – Influência do passado. – Estado psicológico actual. – Conservação de sentimentos muito primitivos. – Falta de actividade, do amor da independência, da impressionabilidade. – Sentimento literário e artístico. – Danças e cantos populares dos micalenses. – Sentimento religioso. – Superstições. – Inteligência. – Moral.

A ciência moderna reconhece como factores da constituição mental dum povo o seu passado e o meio em que ele vive e desenvolve as suas ideias. Já conhecemos o meio em que vivem os micalenses; pelo curto espaço de tempo em que ele tem actuado, a força das lentas acumulações hereditárias que se formaram num passado bem mais longo, deve ainda ser a maior.

Sabemos que todo o povo continental, de onde o nosso deriva, teve antes da emigração dos colonos açorianos um passado de ignorância profundíssima, de força puramente física, de constante batalhar. Neste passado poderiam apenas desenvolver-se fortemente sentimentos de coragem, patriotismo, tenacidade, e todas as qualidades relacionadas com estes sentimentos, em grande parte já herdadas dos romanos e árabes que ajudaram a formar o fundo do povo peninsular. As nossas comédias populares com *embaixadas* e feitos de armas, as *mouriscas* ou representações populares de combates com mouros, mostram numa viva tradição a realidade desse estado passado do espírito do povo.

Diferindo porém actualmente os habitantes das diversas províncias de Portugal, isto é, tendo também sido muito diferentes uns dos outros no seu passado, e havendo diferenças semelhantes e referíveis entre as diversas ilhas do arquipélago açoriano que não podem ser atribuídas a nenhuma influência de meio, ser-nos-ia preciso indagar não só o passado geral do povo português, mas o da província donde o povo micalense parece principalmente descender. Como veremos noutra capítulo, essa indignação não é fácil, e por enquanto devemos contentar-nos com certas indicações gerais. Assim será conveniente lembrar que o Minho e o Algarve, donde muitos supõem que veio a máxima parte dos colonos, diferiram até esse ponto – que o Minho formou a parte principal do Portugal primitivo, a parte do Portugal de hoje que primeiro foi dominada pelos cristãos; que as lides da guerra e a sede dos poderes públicos se derivaram prontamente para o sul, e que o Algarve foi a última parte conquistada aos mouros e árabes, e aonde estes últimos tiveram a maior influência: o minhoto é trabalhador, mas pouco activo e muito supersticioso e fanático, e o algarvio é um tipo distinto em todo o Portugal pela sua vivacidade e todas essas qualidades filhas de muito sangue árabe e dum sol quase africano.

Pintando assim a traços largos o que vai mais longe, mas cuja grande influência existe ainda dum modo bem visível, indaguemos qual foi o passado próprio do povo que estudamos. As condições em que ele se iniciou foram das menos favoráveis; o facto de termos sido separados do continente na chamada época gloriosa da história portuguesa, numa época em que na realidade uma corrente de novas e grandes ideias circulava em todo o país, o termos sido sequestrados inteiramente a essa corrente de pensamentos

novos, e abandonados para aqui, merece decerto grande consideração. Quando o povo que ficava no continente podia sentir-se dominar em massa os mais importantes lugares até ali desconhecidos do velho e do novo mundo, este pequeno fragmento, profundamente isolado, caía, no torpor do clima, debaixo do terror dos grandes fenómenos vulcânicos e do jugo e exploração dos capitães donatários. Da consequência estabilizadora deste facto temos plenas provas na verificação em todas as ilha dos Açores e especialmente em S. Miguel do princípio geral, de que nas ilhas, nos grupos separados da raça-mãe, as tradições sobrevivem com maior tenacidade <sup>(11)</sup>; pela separação da corrente principal das ideias e dos factos, a tradição nos Açores mantém-se na primitiva quase, enquanto que a do continente sofre uma elaboração geralmente constante. Há mesmo o curioso facto de cantos populares, evidentemente tradicionais, só recolhidos em S. Miguel e nas colónias brasileiras improvavelmente derivadas <sup>(12)</sup>.

Há apenas meio século que se estabeleceram as nossas relações directas e frequentes com os países mais civilizados da Europa, todos sabem o profundo desterro que temos sofrido na máxima parte da nossa vida; hoje mesmo, sendo numerosas as relações com a metrópole, os melhoramentos chegam até nós quando nas aldeias de Portugal se pensa já há muito noutra coisa. A tudo isto junta-se a perda completa de importantes noções de objectos naturais e sociais; a pobreza da fauna e da flora, não apresentando em que se exercesse uma importante parte do vocabulário, fez esquecer-la em poucas gerações e com ela foram-se todas as ideias correspondentes. No cérebro do camponês micalense não há ideia do que seja um rio caudaloso, um castelo como o da lenda incompreensível que repete, um mosteiro como a Batalha, um rouxinol, um lobo; um cão corpulento basta para lhe causar o maior espanto e despertar as mais extravagantes comparações.

Pelo que precede e pela falta de grandes cruzamentos generoso, pressente-se que os micalenses camponeses devem estar muito atrasados na sua constituição mental com respeito ao resto do povo português, à excepção talvez dalgum ponto recôndito do norte (Trás-os-Montes) donde aliás é improvável que poucos colonos viessem, e que eles devem possuir também sentimentos muito primitivos. Examinemos pois o seu estado psicológico actual.

Como formando a característica geral que mais distingue neste parte o povo de S. Miguel do resto do povo açoriano, e porque acusam prontamente a conservação dos sentimentos mais primitivos, nós poremos à frente do estudo dos sentimentos e do character a ostentação brutal da força física, a rude franqueza das maneiras, o sentimento da brutalidade enfim. O povo micalense, pela sua incorrecção de modos e de loquela, distingue-se radicalmente de todos os outros açorianos, passando mesmo por ser o «o povo mais bruto das ilha». A intonação da voz, que tão particularmente nos distingue também de qualquer parte do continente, basta para revelar as qualidades solidárias que justificam a denominação. As cantigas são lançadas com a voz mais barulhada que possa imaginar-se e com toda a força dos pulmões; são atiradas com ímpeto, saindo as primeiras sílabas num arranco prolongado que mais parece um grito selvagem; não há dolência de qualidade alguma e o ideal da perfeição artística está na maior gritaria que se possa fazer. A brutalidade no nosso lugar dos Arrifes é proverbial; diz-se que a melhor graça que o noivo arrifense julga poder fazer, é enfiar a agulhada pelo postição da noiva e bater-lhe com ela, e por toda a parte da ilha o próprio povo diz «namoro dos

---

<sup>(11)</sup> Comunicação do Dr. Teófilo Braga.

<sup>(12)</sup> Escreve-me o Dr. T. Braga: - «Nos cantos que o meu amigo enviou vem o *Caso de Juliana e Jorge* que nunca encontrei na tradição portuguesa no continente, nem na Madeira, nem nos Açores, mas que tenho recebido do Ceará».

Arrifes» para designar o que é pouco delicado, e chama «arrifeiro» ao sujeito mais bruto. Tudo, não esquecendo a moda da *carapuça* imensa e pesadíssima, prova que a brutalidade da classe popular de S. Miguel é um sentimento inequívoco e não um simples acto moral inconsciente. Em suma, nas graças entre homens e mulheres, nas narrações dos seus amores, na sátira, em tudo se descobre nos nossos camponeses uma incorrecção favorita de maneiras, uma grande rudeza de sentimentos, e convém insistir neste ponto, não porque esperássemos encontrar nos camponeses a correcção que muitas vezes não existe na classe ilustrada, mas porque ele os distingue perfeitamente, se não de um ou outro grupo de portugueses continentais da mesma classe, ao menos de todas as outras ilha do arquipélago aonde a fala é, como nos lembra o Dr. T. Braga «quase *contabile*», parecendo-nos a nós outros ridícula e artificial, mas acompanhada na verdade de outra conduta, prestando-se ao cantar suave e à delicadeza das maneiras.

O sentimento de patriotismo e o amor da independência são muito pouco visíveis; o primeiro pode mesmo dizer-se que não existe em nenhuma classe. O amor da independência não tem na verdade grandes factos por onde possa revelar-se, apenas um ou outro meramente individual; os criados não sofrem tratamentos humilhantes, o que é devido à familiaridade com que foram sempre tratados <sup>(13)</sup>; contudo nas casas dos últimos morgados o cachação e o soco eram ainda as melhores admoestações; a aversão ao serviço militar é ainda grande apesar da incomparável benignidade actual.

Não sabemos que grau de actividade trouxeram os primeiros povoadores, mas o que é facto é que o clima e as condições de existência são inteiramente contrários ao desenvolvimento desta qualidade, e que os micalenses, se algum dia foram activos, não o são hoje: trabalham, aturam as maiores fadigas, mas ronceiramente e a mesma actividade que há no tempo das colheitas não nos parece que possa ser equiparada à que caracteriza certos povos; Bullar descobriu até o «*Azorean torpor*». Isto parece ser com efeito um resultado da insularidade quando nos lembramos de que todos os que vão ao continente dizem que lhes pareceu terem mudado de organização, sentindo-se ágeis, inteiramente outros, ao contacto do ar seco e à vista do céu mais vezes limpo e sempre mais profundo. Somos ronceiros no falar e nos movimentos e não temos impressionabilidade nem rapidez de decisão características. Os nossos camponeses possuem porém grande tenacidade que os torna impertinentes nas suas pretensões, e possuem também geralmente grande coragem e energia.

Se a tradição micalense tem numerosos contos de fadas e se são numerosas as superstições, a poesia individual do nosso povo revela pelo contrário uma ausência completa do amor do maravilhoso. A falta do sentimento do grande que a exiguidade do meio faz pressentir, parece estender-se a um facto que certamente não é especial, mas que é digno de menção pelo grau em que se encontra: o camponês micalense não sabe falar senão em diminutivos; o emprego excessivo e até ridículo que mesmo as pessoas ilustradas fazem deles na conversa mais séria, impressiona imediatamente as pessoas do continente <sup>(14)</sup>.

---

<sup>(13)</sup> Bullar cita com a maior admiração o ter visto, numa reunião de famílias opulentas, as criadas de lenços brancos na cabeça, sentadas ao patamar duma escada a ver dançar por cima das cabeças dos convidados que estavam na porta da sala, e «partilhando assim dos divertimentos da família».

<sup>(14)</sup> «Uma casinha», «um dinheirinho», «uma nica», «uma nisquinha», «Vossa senhoria vai espertinho?», «obrigadinho a vossa senhoria», «de madrugadinha», são palavras dum emprego sério constante na conversa popular. Uma rapariga chega a uma loja e pede «*Botinsinhos, piquinhos, brinquinhos, (branquinhos)*», outra pede à dona da casa «um niquito de sabão e um pedrito de sal»; ninguém se trata intimamente senão por *Marianinos, Manolinhos, Carolindinha, Margaridinhas*. Estando quase terminada a impressão deste trabalho, apareceram-nos mais estes diminutivos — «uma *coisitinha* muito *poucachitinha*», e parece-nos maior o interesse que o emprego excessivo desperta. Dissemos que o não sabermos falar senão em diminutivo impressionava as pessoas do continente; a seguinte passagem faz-nos crer que lá não só os diminutivos são poucos usados, mas que os aumentativos são o vício. Em

Pelo que respeita ao sentimento literário e artístico, já vimos que os micalenses são, de todos os açorianos, aqueles aonde a poesia popular sofre menos elaboração e apresenta menos variantes, o que não acontece por exemplo na ilha de S. Jorge aonde os romances recolhidos diferem muito mais das lições do continente e sofrem uma elaboração notável.

Aqui o povo tem um sentimento artístico muito inferior; pode dizer-se relativamente que não há poesia e as danças populares de S. Miguel são as menos variadas e graciosas de todo o arquipélago <sup>(15)</sup>.

Elas não constituem além disso uma distracção muito favorita, uma verdadeira paixão como em muitos outros povos, e, acompanhadas por uma viola cujo tocador dança também, consistem quase exclusivamente em andar de roda, as mulheres alternando com os homens, arrastando-se simplesmente os pés e voltando-se ora para trás ora para diante. As cantigas são entoadas como já dissemos e acompanhadas de estalos com os dedos e intermeadas de pequenos roncões e requebros sensuais. O *cantar ao desafio* constitui uma distracção favorita; dois camponeses de sexo diferente, se é nas danças, levam a improvisar quadras numa sorte de contenda. É a única coisa em que se revela alguma imaginação construtiva; o improvisado é rápido, às vezes soberbo e terrivelmente satírico quase sempre. O cantar ao desafio chega a enlevar, no terreiro, com uma viola bem tocada, entre dois namorados que dançam e se o improvisado é rápido, variado e bom; mas isto é raríssimo e a maior parte das vezes são dois homens colocados uma noite inteira no meio duma estrada, numa cantilena rouca e monótona que abre invariavelmente pelo «Escuta, meu Manuel, — que eu contigo vou falar», e cuja música, sem acompanhamento de instrumento algum, não tem a mínima variante nem de verso para verso. A viola é o único instrumento do povo micalense; somente nas festas do Espírito Santo se compõe uma sorte de orquestra com rabeca, ferrinhos e pandeiro. Qualquer que seja porém a falta de gosto natural pela música, é facto que ele se desenvolve em circunstâncias favoráveis; da classe popular têm saído cantores de igreja muito aceitáveis, e é notável o número de bandas de música que há na ilha e

---

Emídio Navarro = *Quatro dias na Serra da Estrela*, pág. 97, lê-se: — «Não pude averiguar bem se aquela lagoa, que em meu gosto é a mais bonita da serra, se chama do *Peixão* ou da *Paixão* como lhe ouvi chamar, ou do *Paxão* como a designa a carta da comissão geodésica... Opto pela primeira designação, não tendo para isso outro motivo senão o achar mais natural a conexão do nome de *peixão*, peixe grande, com a ideia de lagoa. Corroboração esta preferência o haver nessa lagoa um enorme penedo chamado o *Fragão do Passarão*. É a tendência geral para os aumentativos». Nós, ao contrário, em nomes de lugares, o mais que temos é do género de *Caldeirão* ou *Covões*, e em diminutivos há um sem número deles como *Ribeirinha*, *Ruas do tornino* e do *reguinho*, *Grotinha*, *Figueirinha*, *Achadinha*, *Nordestinho*, *Espantalinho*, *Pranchinha*, *Coroinha do pico*, *Cumieirinha*, *Estradinho*, *Escadinhas*, *Lagoinha*, *Folhadinha*, *Lameirinhas*, *Cruzinhas*, *Fontinha*, *Lombinha*. Em apelidos citaremos *Jarrinha*, *Couvinha*, *Doudinho*, *Lindinha*, *Salsinha*, *Cabrinha*, *Cabecinha*, *Amarelinho*, *Condinho*, *Ratinho*, *Massinha*.

<sup>(15)</sup> No Faial é aonde a dança popular tem a maior correcção parecendo-se até muito com a contradança francesa.

Há cantigas soltas no cancionero micalense que são por certo de uma poesia incedível: —

Quem me dera ser as contas  
desse teu lindo colar,  
para dormir em teu seio  
e nunca mais acordar.

Quem me dera ser o linho  
que vós, meninas, fiaís,  
que vos dera tanto beijo  
como vós no linho dais.

Mas, quadras destas, revelando tão fina sentimentalidade, não são, de certo, produto deste povo essencialmente prosaico; ele canta-as e compreende-as sem dúvida, mas a parte do cancionero que lhe é própria distingue-se na verdade pela frequência de cantigas muito menos belas, e ainda uma grande parte destas tem apenas uma rima toante, ou absoluta falta de nexos, sendo os primeiros dois versos da quadra um pretexto para rimar.

admirável a coragem com que os camponeses deixam e sacho pelo instrumento ao fim de um dia inteiro de trabalho. Não deixa de ser notável também a exactidão com que os comparsas e criados das récitas líricas dadas no nosso teatro assobiavam imediatamente todos os trechos.

Como era de esperar do facto comum a todos os povos atrasados, imaginação reprodutiva muito poderosa, o nosso povo, a par do excelente ouvido para a música, tem na poesia individual um rigor descritivo admirável. Ele versifica imediatamente e com grande facilidade todos os acontecimentos íntimos, mas sem traços imaginosos; a poesia nestes caso é um descritivo e nada mais (<sup>16</sup>).

---

(<sup>16</sup>) Damos como exemplo o seguinte romance feito há poucos anos por um camponês micaelense, e interessante, não só pelo lado do sentimento artístico, mas também pelo da moral. Tudo quanto ali se narra é verdadeiro nos mínimos detalhes. A extensão do romance é característica.

#### O CASO DO JACINTO PEDRO

- |   |   |    |   |
|---|---|----|---|
| 1 | Um homem que correu terras,<br>muitos trabalhos passou;<br>por um pouco mais de nada<br>aqui a vida acabou.     | 7  | Foi o pobre Jacinto Pedro,<br>morador na Ribeirinha;<br>vigia a sua esposa<br>Como o melro na covinha.                |
| 2 | Muito dinheiro ganhou<br>por essas terras alheias;<br>assim como muito tinha,<br>também gastava às mãos cheias. | 8  | Um dia disse à mulher,<br>com ânsias do coração,<br>que ia tratar dum negocio<br>à vila da Povoação.                  |
| 3 | Por tabernas e charambas<br>também viola tocava;<br>a casadas e solteiras,<br>quantas via namorava.             | 9  | O pobre homem assim fez,<br>como tinha prometido,<br>e a maldita da mulher<br>com mil coisas no sentido.              |
| 4 | Mas com isso era o menos,<br>não era maior defeito;<br>mas depois se ia gabar<br>de tudo que tinha feito.       | 10 | Um dia estava à janela,<br>quando passa o brasileiro:<br>«Entra, querido José,<br>meu amante verdadeiro!»             |
| 5 | Disso mesmo que fazia<br>do juízo mil sentidos<br>para que as mulheres casadas<br>largassem-nos seus maridos.   | 11 | — Não me temo aí entrar,<br>se tens teu marido certo;<br>não penses que ele está longe,<br>que talvez esteja perto. — |
| 6 | De maneira que um dia<br>a um casal assim fez;<br>foi motivo de lhe tirarem<br>a vida por uma vez.              | 12 | «Podes entrar com franqueza,<br>não tenhas que recear;<br>se eu não o tivesse certo,<br>não te mandava entrar».       |

- 
- 13 — E' melhor eu ir-me embora,  
virei então amanhã;  
p'ra que ninguém me conheça,  
trarei vestido um gabão. —
- 14 «Não penses que eu vou ver  
se passa alguém pela rua,  
tu podés fazer de conta  
Que estás em casa tua».
- 15 Acredito tudo isso,  
teu marido não vir cá;  
mas o coração me treme,  
adivinha coisa má. —
- 16 «Nunca vi homem tão forte  
com tão pouca ousadia!  
Eu com ser uma mulher  
a muito mais me atrevia!»
- 17 Vou-te fazer a vontade,  
mas o crime não é meu.  
Olha ao depois não digas:  
ó meu Deus! pudera eu...! —
- 18 A causa que adivinhara,  
igualmente acontecera;  
estava lá dentro em casa  
quando na porta bateram.
- 19 Foi o marido que chegou,  
mesmo já adivinhando;  
deu tal pancada na porta  
que a ia escarolando.
- 20 «O' homem da minha alma!  
fiquei mesmo quase morta,  
cuidando que vinhas doente  
quando bateste na porta!»
- 21 O homem muito sisudo,  
vendo o modo da sujeita:  
== Deixa-te estar, cão-ladrão,  
que a minha tenção 'stá feita! ==
- 22 Logo naquele momento  
deu-lhe um baque o coração,  
vendo na cadeira um chapéu  
que era do dito ratão.
- 23 == O' mulher de mil diabos!  
ponho-te aqui em poeira!  
De quem é aquele chapéu  
Que está naquela cadeira? ==
- 24 A mulher nem ao menos  
soube o que havia dizer;  
o marido à maior pressa  
Toda a casa foi correr.
- 25 Foi direito ao pé da cama,  
levantou o rodapé,  
viu lá o freguês num molho:  
== Viva lá, senhor José!
- 26 Quem foi que lhe deu licença?  
Como foi que aqui entrou? ==  
— Pergunte a sua mulher,  
que ela é que me convidou. —
- 27 == Ela é que o convidou?!...  
Junte à causa a confissão!...  
Eu hoje mato você,  
arranco-lhe o coração! ==
- 28 — Veja lá bem o que faz,  
Não venha de cara acesa!  
Não venha muito esperto,  
que lhe tiro a esperteza! —
- 29 == Você é muito valente,  
mas eu ponho em minha fé  
que hei-de pôr aqui você  
moído que nem rapé! ==
- 30 O brasileiro já zangado  
ao aleijado se botou;  
debruçou-se com uma mão,  
com a outra se calçou.
- 31 Botou-se pela porta fora,  
assim que praticou isto;  
lá ficou o pobre homem  
a chamar por Jesus Cristo.
- 32 Depois deita-se a fugir,  
a apanhar o brasileiro,  
a manquejar duma perna,  
agarrado a um fueiro.
- 33 Vendo que não o apanhava,  
logo desejou a morte,  
retirando para casa,  
lastimado a sua sorte.
- 34 Chegou, achou a mulher  
toda cheia de tristeza,  
sentada numa cadeira  
encostada a uma mesa.
- 35 == Você, senhora matrona,  
faz destas cousas assim?!...  
Agora fico sujeito  
a todos zombarem de mim!
- 36 Nem ao menos te lembraste  
o quanto eu fui padecer:  
ganhar um bocado de pão,  
para podermos viver! ==
- 37 «Perdoa-me, meu marido,  
cobrimo-nos ambos de dó!  
Nunca mais m'importa dele,  
hei-de cuidar em ti só!»
- 38 == Agora que não há remédio,  
é que estás arrependida!...  
Vocês ambos precisavam  
Que lhe tirassem a vida!

- 
- 39 Mas deixa-te estar, traidora,  
de tudo me hei-de vingar,  
que antes de oito dias  
a vida lhe hei-de tirar! ==
- 40 Aos oito dias depois  
deram um plano verdadeiro,  
como haviam de matar  
o pobre do brasileiro.
- 41 Vinha o pobre brasileiro  
sozinho e desarmado,  
quando os ladrões lhe fizeram;  
o que tinham combinado.
- 42 Acabaram com a vida  
o que ele tinha feito...  
duas facadas mortais  
que lhe cravaram no peito.
- 43 Depois de estar ferido  
ainda cem passos andou,  
para bem de denunciar  
quem a vida lhe tirou
- 44 Estava chegada a noite,  
já sentia a morte feia,  
deu o último suspiro  
às oito horas e meia.
- 45 Foram dar parte à justiça  
antes de tocar o sino;  
logo marchou uma força  
A prender a assassino.
- 46 Era quase meia noite  
marchou uma escolta a pé;  
logo que amanheceu  
A justiça tomou fé.
- 47 Foi logo uma escolta armada,  
o juiz agoniado,  
a cercar a casa do homem  
Que o tinha assassinado.
- 48 == Senhores! Que vem cá fazer!  
eu nada sei dessa morte!  
Eu grito aqui-d'el-rei  
pela minha triste sorte! ==
- 49 Tenha você paciência,  
isso depois se verá;  
vou mandar uma escolta  
para à cadeia o levar. —
- 50 A escolta chegou ao sítio  
aonde o preso se achava;  
levaram-no para a cadeia,  
como o juiz o mandava.
- 51 O juiz olhou p'ro homem,  
logo no peito mirou:  
— Diga-me, senhor Jacinto,  
esse sangue de que foi. —
- 52 O homem estava a tremer,  
mas não lhe faltava lábia:  
== Foi porque me cortei na cara  
quando fui fazer a barba. ==
- 53 — E esse que tem no braço,  
também de que foi minado? -  
== Piquei-me lá numa silva  
quando fui ao cerrado. ==
- 54 — Cale-se já, mentiroso,  
que já não sabe o que diz!  
E esse que tem no casaco,  
botou-o pelo nariz...
- 55 Pois então já que você  
não quer dizer a verdade,  
não quer confessar ao bem,  
há-de ser contra vontade! ==
- 56 == Aqui estou senhor juiz  
com tanto homem cercado!...  
Adeus Pai do coração,  
cá vai este desgraçado!
- 57 O' vizinhos e vizinhas!  
peço perdão em geral!  
Vou penar numa cadeia  
sem ter feito algum mal!
- 58 Adeus traidora mulher,  
também ficas desgraçada;  
eu vou padecer, tu ficas  
nem solteira, nem casada! ==
- 59 Tome conta nesse preso  
que se há-de querer retirar;  
meta-o numa enxovi  
até ele confessar. —
- 60 O brasileiro tinha amigos;  
um que se chamava Furtado,  
no dia em que o mataram,  
com ele tinha falado.
- 61 Quando lhe deram a notícia,  
estava ele no moinho;  
arrepiaram-se-lhe os cabelos,  
saiu logo p'ró caminho.
- 62 Chegou ao pé do amigo,  
já não o apanhou vivo;  
fez-lhe um planto tão grande  
que nem um pai a um filho.
- 63 Depois foi amortalhado,  
para se ir enterrar;  
o pobre António Furtado  
também foi acompanhar.
- 64 Chegou ao cemitério  
mas não passou do portão;  
só entrou lá para dentro  
quem levava o caixão.

- 
- 65 Furtado estava à espera  
ansiado do coração;  
veio um oficial da guarda  
lhe deu a voz de prisão.
- 66 «Mas que delito fiz eu  
para me mandarem prender?»  
— Venha ao senhor juiz  
Que lhe saberá dizer. —
- 67 Chegou ao pé do juiz,  
desta maneira falou:  
«Senhor! deram-me voz de preso,  
Mas eu inocente estou!»
- 68 — Mandei prender a você,  
porque informado estou;  
nesta morte que se fez,  
Você também ajudou.
- 69 «Senhor! Quem me acusou  
de certo não me quer bem!  
Não estou culpado nisso,  
não quero mal a ninguém!»
- 70 Tenha você paciência,  
isso depois se verá;  
vou mandar uma escolta  
para à cadeia o levar. —
- 71 Foi pena ver ir o pobre  
para a cadeia, inocente;  
deixar a mulher e filhos,  
sem ter quem lhe dê sustento.
- 72 Meteram-no na cadeia,  
sem cousa alguma fazer,  
pedindo a Deus que chegasse  
o dia de responder.
- 73 Chegou o dia da sentença,  
foram para o tribunal,  
para ali se descobrir  
o autor de tanto mal.
- 74 O dito Jacinto Pedro  
logo confessou ao bem,  
que tinha matado o homem  
sem ajuda de ninguém.
- 75 == Eu só lhe fiquei diante,  
só a ele me botei;  
duas facadas mortais  
que no peito lhe cravei. ==
- 76 Não posso acreditar  
que você só o matara;  
a três ou quatro de você  
Ele não virava a cara, -
- 77 == Sim senhor, fui eu sozinho,  
com o coração impelido;  
a paixão me ajudou,  
Não estou arrependido! ==
- 78 Depois de estarem na rua,  
um homem bem entendido  
lhe foi dar os sentimentos  
dos trabalhos do marido.
- 79 A mulher, como traidora,  
dizia a todo o instante:  
«No inferno padecesse  
quem matou o meu amante!
- 80 Meu rico José do Rego,  
amor da minha paixão,  
corpo tão cheio de graça,  
cara do meu coração!
- 81 Eu, quando me descasei,  
sentia muita alegria,  
cuidando que ia gozar  
tua doce companhia!
- 82 Acabaram-te co'a vida!  
Quem de mim te desamparou,  
desgraçado morra ele,  
quem meu amante matou!»
- 83 Então no dia do júri,  
no tribunal se apresentou;  
eram em si tantos tremores  
que três vezes desmaiou.
- 84 Depois de tornar a si,  
o juiz o interrogava;  
ele só o que dizia,  
Que de nada se lembrava.
- 85 O juiz tanto lhe disse,  
tanto co'ele teimou,  
que o homem já por fim  
Desta maneira falou:
- 86 — Eu vou dizer a verdade,  
não encubro a minha sorte;  
nos éramos três presentes  
Quando se fez esta morte. —
- 87 — Pois então diga quais foram,  
o encobrir de nada serve;  
já que não foi você só,  
hei-de ter pena mais leve. —
- 88 == Pois o morto foi um deles,  
que já morreu por seus pecados;  
o resto eu e o diabo,  
Esses são os dois culpados! —
- 89 O juiz, ao ouvir aquilo,  
ficou p'ra Deus o levar:  
— Pois você é o magarefe?  
Vem-se pôr aqui a mangar? —
- 90 == É porque vossa senhoria  
está a teimar comigo  
pois naquela ocasião;  
não tinha outro amigo! ==



A aptidão para o desenho é completamente nula; os desenhos de casas, navios e figuras que vemos muitas vezes pelas paredes das ruas são inferiores aos de muitas tribos selvagens, e a maior parte dos camponeses não distingue mesmo bem os objectos mais triviais desenhados a claro escuro; os nossos carpinteiros fazem bem um móvel se tiverem um igual à vista, mas experimentam as maiores dificuldades em compreender um risco qualquer e não são capazes de fazer uma medida certa da primeira vez. A arquitectura dos edificios públicos testemunha da falta absoluta de gosto das nossas classes dirigentes passadas: os templos e as casas da Câmara são os piores que há pelos Açores e absolutamente vazados nos mesmos moldes. As salas das últimas casas ricas nunca tiveram um bom quadro, uma escultura de preço, e hoje ainda a existência destas coisas pelo verdadeiro sentimento e conhecimento da arte não é muito fácil de encontrar. Não assim o gosto pelos jardins cuja opulenta vegetação e escolhida flora os mais competentes estrangeiros admiram, mas que é duma generalização muito recente. O povo tem por toda a parte uma paixão pela jardinagem da sua flora predilecta, as plantas fortemente aromáticas, as flores grandes, cheirosas e de cores vivas. A rosa de Alexandria tem sempre um lugar reservado, e, percorrendo o cancionero popular, vemo-la objecto duma grande cultura estética; as comparações mais mimosas fazem-se sempre com a rosa de Alexandria que «onde está logo penetra»:

As vossas maçãs do rosto  
como a rosa – Alexandria,  
de noite dão tanta luz  
como o próprio claro dia.

A rosa, para ser rosa,  
há-de ser alexandrada;  
a moça, p'ra ser formosa,  
há-de ser alva e rosada.

O gosto pela literatura e pela instrução começa apenas agora a aparecer no povo, e o avultado número de jornais nada significa, pois é apenas um simples produto do estado da nossa política. O povo não lê senão alguma pequena obra religiosa, livros de orações, novelas de cavalaria, e faz isto muito imperfeitamente e raras vezes, o que não admira num país aonde o professorado popular é tão mal e tão atrasadamente pago, e numa ilha cujo passado foi duma ignorância monumental em todas as classes, mal sabendo ler e escrever a maior parte dos nossos morgados e não sendo mesmo costume mandar ensinar isto aos filhos segundos em muitas famílias abastadas.

---

90 Pois então já que o diabo  
foi em sua companhia  
peça-lhe agora que o tire  
de dentro da enxovia! —

91 == O diabo, p'ra fazer mal,  
não é preciso pedir,  
mas, se é p'ra fazer bem  
isso lá não quer ouvir. ==

92 Pois ouça a sua sentença,  
isso não lhe meta medo;

nunca mais tem liberdade,  
tem para sempre degredo.

93 Já que não disse a verdade,  
meça agora esta medida;  
nunca mais tem liberdade,  
enquanto Deus lhe der vida.

94 Ouça lá mais uma vez,  
a sentença está comprida:  
a pena de você é  
degredo por toda a vida —

Os micaelenses têm o sentimento religioso muito desenvolvido e os fenómenos vulcânicos devem ter contribuído poderosamente para isto. O «Romance que se fez dalgumas mágoas e perdas que causou o tremor de Vila Franca do Campo em 1522», publicado nos *Contos pop. do arq. açoriano* por T. Braga, está repassado de sentimento religioso e dá uma nota admirável de todo o temor de Deus que o tremendo vulcanismo de então fez avivar nos nossos antepassados. Apesar do carácter erudito que este romance possui, ele deve certamente tomar-se como a representação fiel do estado do espírito popular na época. Eis a parte desse romance que interessa a este nosso estudo:—

Em Vila Franco do Campo

.....  
começou tremer a terra,  
mais que outras vezes tremia,

.....  
Correu a terra dum monte  
que da alta serra pendia,  
e com ímpeto furioso  
sobre a vila se estendia

.....  
O Capitão Rui Gonçalves  
que da Câmara se dizia,

.....  
manda logo cavar gente  
onde antes estar soía  
o Santíssimo Sacramento  
cuidando que se acharia,  
vendo quanto Deus nos ama  
quão grande bem nos queria,  
que querendo dar castigo  
sobre si o tomaria,  
em todos nossos trabalhos  
companhia nos faria;  
dos açoites que nos dava  
também participaria,  
sendo uma vez sepultado  
outra se sepultaria;  
por estranhar nossas culpas  
a si mesmo enterraria,  
mas tão mal cheiravam elas  
que Deus dali se desvia;  
pois que cavando a Grã pressa  
ali já não aparecia.

A arca acham no Altar  
mas sem ele estava vazia:  
não sabem se foi ao céu,  
se na terra ficaria  
nalgum sacrário metido,  
para o qual se mudaria.  
Alguns sinais viram disto

a gente que ali acudia,  
vendo daquele lugar  
uma nuvem que subia,  
ouvindo muitos cantares  
de suave melodia,  
suspeitando ser dos anjos,  
alguma Grã companhia  
que da terra para os céus  
a Deus acompanharia;  
ou por mãos angelicais  
noutra vila se poria:  
mas quando não foi achado,  
um grande grito se erguia,  
daquela grande companha,  
que misericórdia pedia;  
vendo uma tal maravilha  
com gritos ninguém se ouvia.  
Daquele povo tão triste  
quem então não gritaria?  
Batendo todos nos peitos  
quem peitos não quebraria?  
Em tempo de tanta angústia  
pois deles seu Deus fugia.  
Para lhe pedir remédio  
naquela triste agonia,  
já não sentem perder nada  
só não ver Deus se sentia.  
Este castigo mais choram,  
Este só mais lhe doía,  
vendo apartar-se Deus deles  
quem não esmoreceria?

Isto revela perfeitamente o grau de sentimento religioso dos nossos antepassados e a influência das condições altamente favoráveis do meio, e parece-nos indispensável para as compreendermos. Estas condições complicam-se muitas vezes com coincidências curiosas como as que seguem.

Não se passa nenhuma Sexta Feira Santa sem que esteja bem presente na memória de nós todos o forte tremor de terra que houve há alguns anos nesse dia. Este tremor de terra surpreendeu o povo nas igrejas, de manhã, e precisamente no momento em que se devia lembrar o *omnis terra tremuit*; foi violentíssimo e seguido de chuva torrencial. Há três anos o povo da Povoação queimou os papéis de uma repartição pública e dias depois começou na mesma vila uma quadra longa de fortes tremores de terra que demoliram algumas casas. Não sei se alguém se lembrou de tirar partido desta coincidência, mas o que é facto é que os camponeses, num dia sentindo-se senhores, andavam no outro de joelhos pelas ruas, esbofeteando-se para provarem o seu arrependimento, atrás dum cura que rezava sepulcralmente com eles.

Completa indispensavelmente a ideia do grau de sentimento religioso, passado e actual, dos micalenses, o estudo da formação das lendas do *Santo Cristo* e da *Senhora da Lapinha*. A primeira diz respeito a uma imagem do *Ecce-Homo* existente no convento de freiras da Esperança em Ponta Delgada. Crê-se que esta imagem, por

intermédio duma freira sua devota que com ela conversava, fez inauditos milagres, como descer-se do altar e pôr-se detrás duma porta para impedir a entrada de uns ladrões, fazer nascer numa freira uma formidável cólica para a obrigar a oferecer para um resplendor uma boceta de prata, quando ela tinha já prontamente oferecido o respectivo valor em dinheiro, & &. É imensa a devoção de que a imagem está rodeada; a sua reputação miraculosa tem-se estendido não só a todo o arquipélago, mas a todo o Portugal e Brasil, e diz a crónica que «até dos mouros lhe vieram ofertas». As jóias oferecidas pelos crentes e que adornam a imagem são na verdade um rico tesouro, e o povo diz muita vez que o governo tirou os bens dos conventos e das misericórdias, mas que não se atreverá nunca a tirar os do Santo Cristo. Há no convento um grande comércio de relíquias, sendo a principal uma fita que dá a altura da imagem, a chamada *medida do Santo Cristo*, que quase todas as famílias conservam preciosamente para ela se atarem nas doenças perigosas. À procissão anual que se faz com esta imagem, começam a concorrer na antevéspera centos e centos de pessoas de todas as partes da ilha. O andor é conduzido por pessoas das famílias mais abastadas, e destas mesmas famílias muitas senhoras tem cumprido a promessa de irem debaixo dele em todo o grande giro da procissão. A expressão misturada de alegria e amargura, com que o povo vê passar a imagem, é intraduzível. Quase todas as noites se podem ver numerosas mulheres subindo de joelhos o adro da igreja aonde está o *Santo Cristo dos Milagres*.

A lenda da *Senhora da Lapinha* é a seguinte. Num dos lugares vizinhos de uma mata aonde está hoje a imagem, uma mulher vivia muito mal com o marido e, não podendo já sofrê-lo, refugiou-se numas vinhas a fazer vida santa, sem que ninguém pudesse descobri-la, sendo apenas encontrada por um caçador muitos anos depois e já morta, parece mesmo que em esqueleto, reconhecendo-se que era o dela por vários objectos que o acompanhavam. O cadáver ou o esqueleto foi encontrado numa pequena furna ou *Lapinha* aonde se crê que a *santa* vivia, porque lá se encontrou também um pequeno forno e chaminé, uma pá, a roca e o sarilho. O que existe hoje é uma imagem dentro de uma furna representando a mulher deitada; mas isto é objecto de muita veneração e de uma grande romaria em determinada época do ano. Esta lenda é antiga, mas há poucos anos foi reforçada pelo que o povo afirma, de que, tendo o rico proprietário da mata mudado a imagem para uma ermida que tinha ali perto numa casa de campo, ela apareceu no dia seguinte na furna donde mais ninguém se atreve a ir buscá-la.

O sentimento religioso do povo micalense tem uma manifestação particular nas festas do Espírito Santo que estão aqui ainda em todo o seu primitivo esplendor, quando no continente estão quase de todo esquecidas. Nas notas dos *Cantos populares do arquipélago açoriano* do Dr. T. Braga e noutras obras ali citadas, vem tudo o que é indispensável saber para o conhecimento histórico destas festas. Falaremos aqui apenas da lenda micalense da *pombinha*. Uma epidemia em 1673 fez avivar muito a devoção com o Espírito Santo, formando-se definitivamente uma importante irmandade. «Chegou o primeiro sábado depois da Páscoa», diz o cronista donde extraímos estes dados <sup>(17)</sup>, «véspera do primeiro domingo do Espírito Santo e o mesmo foi ouvir-se pelas ruas o tambor da folia, que o seu tom afugentou as malignas enfermidades em tal forma que se observou que nenhuma pessoa mais delas adoeceu, e o grande número das que até àquele ponto estavam doentes e as mais nos paroxismos da morte todas cobraram alentos de vida...». Cantando-se, dias depois deste milagre, uma missa em acção de graças, viu-se entrar pela igreja uma pomba que assistiu a toda a festa, pousando no púlpito e na capela, e saindo por uma fresta assim que tudo se acabou. Isto

---

(<sup>17</sup>) *Archivo dos Açores*, vol. - I, pág. 190 e 191.

deu origem a uma missa cantada anual, chamada a *Festa da pombinha*, que ainda hoje se diz, andando por esta ocasião de boca em boca a tradição inalterada. As festas do Espírito Santo são o mais poderoso incentivo para a cultura estética popular, nas danças e cantares, nos enfeites dos quartos e dos trajas. As condições económicas irão porém fazendo-as decair do seu brilho.

Não deixaremos de mencionar a romaria que aqui se chama *visitar* ou *correr as casinhas de Nossa Senhora*. Durante a quaresma juntam-se grupos de 30 a 80 homens que vão em romaria a todas as ermidas e igrejas da Virgem que há na ilha. Vão a pé, de lenços amarrados em volta da cabeça, entoando ave-marias em tom de penitência, e lendo cada grupo o seu chefe que dirige as cerimónias da visita.

Nas despedidas e em qualquer saudação fala-se sempre em Deus:

— «Fiquei Deus com vossa senhoria», «Deus Nosso Senhor nos aparte em bem», «Nosso Senhor nos dê muita saúde para amar e servir a Deus», «Vamos passando melhor do que merecemos a Deus». As mães repreendem asperamente as crianças se as não vêem «beijar a mãozinha» e dizer «seja pelo amor de Deus, pelas almas», a qualquer coisa que se lhes deu, e ensinam-lhes a pedir a benção aos padres. As devoções públicas, as irmandades, têm numerosos adeptos e uma notável protecção da classe abastada. Ao passarem por uma cruz e por uma igreja e ao ouvirem trindades, todos os camponeses tiram os seus chapéus com grande devoção e rezam; nenhum deixa de ouvir missa todos os domingos. O rezar depois das refeições ainda se usa em famílias abastadas antigas. Em qualquer parte aonde morreu repentinamente uma pessoa, ou aonde alguém foi assassinada, coloca-se um nicho com uma cruz, a que se chama umas *almas* ou *alminhas* e aonde era costume depositar esmolas. Não há ainda vinte anos que se extinguiram completamente os *marrocos*, homens vestidos de liteiro e que se iam açoutando fortemente nas procissões com umas disciplinas, passando muitas vezes o sangue através das roupas.

Mas, apesar desta vivacidade do sentimento religioso, o nosso povo não pode chamar-se fanático, como ainda o são alguns habitantes do norte de Portugal, e na cidade a força do sentimento vai mesmo desaparecendo com uma certa rapidez. O padre não é por forma alguma idolatrado e o povo é o primeiro a acusá-lo quando é preciso.

Os micalenses são muito supersticiosos, mas, como acontece com o sentimento religioso, ou uma questão de origem, ou a redução dos elementos, determinou que aqui não parece poder-se recolher a décima parte das superstições que se têm recolhido em Portugal. Contudo, quando lemos no trabalho do Dr. Le Bon, que nos serve de modelo, que «la Galicie et l'Ukraine sont les derniers refuges, en Europe, des fées, des sorciers, des loup-garous, et des puissances magiques de toutes sortes qui nous reportent en plein Moyen Âge», vemos que estamos ainda, pelas nossas superstições, colocados muito perto desses *países dos encantamentos*, e achamos interessante dar aqui uma certa ampliação.

O nosso povo acredita em feiticeiras e dá-lhes até um certo areal por teatro dos seus bailados nocturnos; acredita em todas as transfigurações do diabo, invocações dos mortos, &. Todas as bestas enquanto novas trazem ao pescoço uma bolsa com vários ingredientes por causa das feiticeiras. Detrás das portas fazem-se cruces com terebintina para afugentar o diabo. Os cogumelos são *o pão do diabo*.

Como se acredita também nos países estudados pelo Dr. Le Bon, os camponeses micalenses crêem que o feto (mas outra espécie, o *Osmunda regalis*, chamado mesmo vulgarmente *feto de S. João*) dá uma flor muito bonita, na noite de S. João, que nunca ninguém viu, mas que daria grandes tesouros àquele que a pudesse apanhar; quem a

poderia encontrar mais facilmente, seria um padre indo ao sítio à meia noite revestido como para dizer missa.

A crença nas transfigurações do diabo e nas almas do outro mundo enche todos os espíritos e anda profusamente manifestada em histórias como as que seguem. Uma mulher asseverou-me que uma sua companheira, tendo aberto a porta a um homem muito bem vestido, ele lhe pagou e pediu que lhe não olhasse para as costas quando ele fosse saindo. Ela fez o que o homem lhe pediu, mas ao ir ver o dinheiro achou testos. Contando aquilo a uma vizinha, disse-lhe esta que o homem era o diabo e que lhe fizera o pedido porque o diabo tem as costas abertas e lume dentro, e aconselhou-a a que pusesse um rosário sobre os testos. A rapariga fez isto e os testos converteram-se em dinheiro. Uma outra mulher invocava o diabo acendendo velas pretas dentro do forno.

Por toda a ilha se acredita nos endemoninhados e foram até contemporâneos dois homens celebrados que viviam de andar por toda a parte tirando o quebranto, benzendo, dando cacetadas e bofetadas para fazer sair o diabo dos corpos.

Em S. Miguel há a lenda das *ilhas encantadas* que parece não ter sido encontrada nas outras ilhas dos Açores, ou, ao menos, ter aqui mais persistência. Como acontece por toda a parte, o nosso povo, em se tratando de lhe devassar o arquivo dos seus contos e superstições, é extremamente desconfiado, de sorte que não pude ainda obter desta lenda, no meio de grandes afirmações de que nada mais sabiam, senão umas variantes incompletas: — para os lados do Nordeste aparecem de noite umas ilhas brancas que são encantadas; em S. Maria aparece um cavaleiro porque ela, como todas as ilhas fêmeas, já se desencantou uma vez, e as tais ilhas brancas que aparecem estão à espera que as desencantadas se tornem a encantar, para quebrarem também o seu encantamento.

A medicina popular anda sempre envolvida na superstição mais grosseira. Para curar o erisipelão sangra-se um cachorrinho preto, ou a crista duma galinha preta, e com tripas de abóbora menina unta-se o sangue sobre o lugar afectado, *pendurando-as depois na chaminé e nunca mais fazendo caso delas*. Para curar varizes numa perna, vi receitar o untar-se com tripas de abóbora menina que se deitariam depois a um porco *de que se não comesse*. O histerismo cura-se com folhas de arruda sobre o ventre, as quais só fazem bem a quem o cheiro repugna, e as flores da perpétua, para poderem debelar a tosse, devem ser infundadas em número par.

A mais complicada e curiosa superstição micaelense que temos encontrado é a da *boliana*. A *boliana*, contracção de valeriana, é uma planta indispensável para se ter fortuna; mas para isto carece de estar sempre ao pé dos seus três companheiros, o verbasco, o trovisco e a bela-luz, e que se lhe diga todos os dias estas cantigas: —

Bons dias, minha menina!  
Como passastes a noite?  
Tu comigo e eu sem ti,  
e tu no coração doutro.

Boliana minha amiga,  
verbasco teu companheiro,  
hás' pedir ao meu amor  
Que me dê muito dinheiro.

Quando se rega a boliana é preciso dizer-lhe: —

A água que vem da serra,  
vem de regar os craveiros;  
também te venho aguar,  
minha nobre cavalheira.

Deve ser plantada juntamente com algum fio dourado ou com *dinheiro de grela* e não se deve adquirir senão comprada ou furtada. As pessoas que emigram levam consigo folhas dela. O mais curioso desta superstição é que o povo crê que de sete em sete anos, na noite de S. João, a boliana dá uma flor que é exactamente do feitio duma pena de pato e com que também: se pode escrever. Para a poder colher é preciso ir à meia noite com um guardanapo de olhos pela cabeça, e a flor, ao ser cortada, dá um grito. Afirmam-se que muitos escrivães possuem uma *pena* destas e que a isto devem a sua fortuna. Em a boliana murchando, apesar de estar com as suas três companheiras, é porque está para haver desgostos em casa. Enquanto se rega deve-se estar a passar-lhe a mão por cima; «ela põe-se a pular como uma coisa viva porque é uma rainha encantada». Esta planta é sobretudo querida das meretrizes que lhe dirigem cantigas especiais, e que, depois de a regarem, põe-na entre os pés e andam-lhe com as saias em volta para serem penetradas da sua virtude, repetindo as cantigas, se não «ela fica triste». Ignoramos se esta superstição tem sido recolhida no continente.

Não devemos omitir aqui outra superstição interessante por estar relacionada com uma das lendas religiosas formadas na ilha. Quando qualquer pessoa quer saber que notícias lhe hão-de vir dum amante, vai de noite num passeio até ao adro da igreja em que está o Santo Cristo, rezando numas contas e com outra pessoa atrás para ir ouvindo melhor o que se diz pelo caminho e dentro das casas, e isto sem que nenhuma delas diga uma só palavra. Quando voltam, vem combinando o que ouviram e dali concluem que novas hão-de vir.

Felizmente, como observam todos os psicólogos modernos e como se confirma a cada nova investigação, as superstições não dão a medida exacta do estado intelectual dum povo. Mas a superstição que a inteligência não pode remover, actua sempre mais ou menos, e muitas vezes dum modo funesto, sobre a vida prática. Assim os nossos camponeses acreditam piamente que os últimos doze dias de Dezembro são a imagem fiel dos doze meses do ano seguinte, e que o estado das novidades desse ano será regulado pelo modo porque cresceram o trigo, o milho e as favas que se fez germinar, como é costume, dentro de uns pratos para enfeitar o Natal. Partindo desta crença inabalável, os mais leves esforços para corrigir as influências atmosféricas parecem-lhes baldados, e já mesmo antes de semear vão «sem fé nenhuma», como eles próprios dizem, se o prognóstico foi mau.

Se nós quisermos fazer uma ideia do grau intelectual dos camponeses micaelenses bastará recordar o princípio deste capítulo – que estamos em face dum povo sem instrução, com os sentimentos mais grosseiros, servindo nos seus quatro séculos de existência a uma completa exploração. Encontrando facilmente na cultura rotineira do solo os recursos de que carecem e uma emigração fácil no caso contrário, nada os obriga a desenvolver a sua inteligência curta, e são, para a encobrir, excessivamente manhosos, condição que acusam imediatamente no falar ronco, mastigado, e respondendo sempre vagamente ao que se lhes pergunta.

Sem dúvida, como por toda a parte, encontram-se inteligências notáveis nos nossos cavadores, mas é extremamente raro, e o camponês micaelense é essencialmente cabeçudo. As mulheres, ocupando-se activamente nos trabalhos dos campos, e distinguindo-se até em alguns lugares, por isto, radicalmente dos homens, parecem muitas vezes mais inteligentes e são pelo menos mais desembaraçadas e francas.

Falando da poesia individual, já notamos a poderosa imaginação representativa que os camponeses micaelenses possuem. Isto bastaria para lhes atribuímos um grau excessivamente fraco de imaginação construtiva, o que aliás nos deve custar pouco, se nos lembrarmos de que, mesmo nas mais elevadas inteligências, a existência pura desta faculdade é questionável. A inferioridade da imaginação construtiva do nosso povo

revela-se à primeira vista na construção atrapalhada da sua frase, sempre cheia de *aqueles* e *aquilo*s que substituem às vezes frases inteiras que não acodem.

Pelo que respeita à moral, vemos, por certos restos de conduta, que uma grande parte dos camponeses era de costumes simples e bons. Se o roubo está muito generalizado, ainda, nas freguesias rurais mais distantes dos centros corruptores, os achados são religiosamente entregues ao pároco que os anuncia à hora da missa. Contudo, isto parece existir apenas nos descendentes dos colonos primitivos mais miseráveis e por isso temerosos, e principalmente nas mulheres; porque é um facto de todos conhecido que a moral dos lavradores e das classes abastadas era tanto mais condenável quanto mais descemos no passado. Há ainda bem poucos anos que nas vilas e na cidade havia todos os sábados *charambas* em que os temidos entravam à força, bailando-se de bordão em punho e terminando-se quase sempre pela morte de alguém. Não se podia ir visitar uma quinta sem se ir armado, e, na cidade, no afamado sítio da Arquinha, não se podia penetrar depois do anoitecer sem se correr o risco de se ser espancado por divertimento.

A obrigação em que se vêem as camponesas de andarem sozinhas pelos caminhos e pelos matos, traz um certo desregramento de que nem sempre se faz o devido caso. A prostituição clandestina e pública é grande por toda a parte, e nas classes abastadas encontramos ainda hoje restos de numerosas famílias em que a mancebia e mesmo a concubinação são constitucionais.

A educação moral dos filhos é muito desprezada: há palavras e gestos obscenos que são correntes por toda a parte na boca dos camponeses diante de filhos e filha, e que estas ouvem e vêem muito habituados e que repetem também com a maior naturalidade logo que lhe apraz<sup>(18)</sup>.

Os micalenses não são entranhadamente vingativos nem intrigantes; eles são francos muitas vezes, ainda que dum rude franqueza; os das aldeias são excessivamente cortes, mas, como já dissemos, muito manhosos e desconfiados.

Uma transformação se começa talvez a operar radicalmente na inteligência e nos costumes: o número crescente de emigrantes e o regresso de muitos, o gosto pelas viagens que se tem poderosamente desenvolvido nos que podem, e os numerosos negociantes que vão fornecer-se directamente a Paris e a Londres, a construção do nosso porto artificial, a vista dos trabalhos e das máquinas, preparando o espírito popular para a compreensão daquilo que os emigrados que regressam ou escrevem contam dos primeiros países do mundo, são factores importantes, para um pequeno grupo, dessa transformação já visível.

---

<sup>(18)</sup> Lemos em Balbi e em Recluz que os portugueses são muito bem morigerados e que se não lhes ouve, mesmo à gente baixa, uma palavra obscena ou uma injúria. Não é isto exacto certamente, e, ao menos entre micalense, estamos a toda a hora a ouvir as pragas e os epítetos mais grosseiros e extraordinários, como – raio, raieiro, mormo, raça d'um estupor, pega-te um fogo aí!, pedra de fogo, olhos d'um *mal da morte*. Alguns desses epítetos parecem completamente estranhos ao vocabulário continental e por isso os escrevemos aqui.



## CAPÍTULO V

### ANTROPOLOGIA DO GRUPO

Estudo antropológico dos micalenses. – Resultado das nossas medições. – Frequência e associação dos caracteres. – Principais tipos fisionómicos dos camponeses micalenses. – Diferenças entre o homem e a mulher, o camponês e a classe cultivada. – Diversas outras qualidades físicas dos micalenses. – O grupo de raça vivendo actualmente em S. Miguel está ainda longe de ser inteiramente homogéneo. – Notáveis particularidades dos indivíduos sub-braquicéfalos e braquicéfalos.

A descrição antropológica dos micalenses da classe popular, que vamos fazer, é o resultado de medições e observações efectuadas em 17 camponeses das freguesias dos Ginetes e Candelária e em 83 recrutas do batalhão estacionado em Ponta Delgada, todos perfeitamente adultos (21 a 35 anos), chamados ao acaso e representantes de quase todas as povoações da ilha. Nem em todas as partes de Portugal os recrutas podem ser considerados como bons representantes de uma população; entre nós porém, com as circunstâncias locais do recrutamento, não acontece o mesmo, e estamos certos de que a nossa série tem absolutamente o mesmo valor da que construíssemos directamente, pelas aldeias.

As medições e observações que fizemos limitam-se à altura do corpo, diâmetro e circunferência do crânio, forma geral da face e do nariz, cor dos olhos e do cabelo, as quais são julgadas por todos os antropologistas como suficientes para distinguir as raças.

Os resultados que obtive são os seguintes que por enquanto apresentarei resumidamente; tendo de os apresentar adiante em quadros seriários, devemos contentar-nos aqui com a exposição sumária, mas por si só insuficiente, das médias, para não sobrecarregar esta memória com inúteis repetições, e enviamos o leitor a outro lugar deste capítulo ou ao capítulo seguinte aonde a exposição detalhada dos factos se torna indispensável <sup>(19)</sup>.

---

<sup>(19)</sup> Todas as medições que efectuei foram feitas com uma fita métrica perfeitamente inextensível e com um compasso de corrediça feito expressamente, de madeira bastante sólida e graduado escrupulosamente, não diferindo dum modo sensível a medida tomada nas pontas dos braços da que se toma na base; instrumento que preferi ao compasso de espessura, por dar a distância máxima forçosamente e com uma muito maior facilidade de ajustamento.

Pelo que respeita à cor dos olhos e dos cabelos, é indispensável declarar o modo porque a interpretei. Não considerei azuis os olhos pardos levemente azulados, a que vulgarmente se chamam azuis, mas que na realidade tem o preto e o branco por elementos principais, o que faz (mas estou convencido de que com verdade) que na minha série não haja um só olho azul; contei como olhos castanhos escuros somente os muito escuros, embora neles se compreendam ainda vários tons; esforcei-me por distinguir o mais possível o tom extremo do cabelo castanho claro do tom louro, e o cabelo castanho claro do escuro que interpretei como nos olhos, e só tomei como cabelo preto aquele que, colocado de qualquer maneira, não dava reflexo castanho o que revelaria um escurecimento devido à idade ou ao uso de banha e não a origem étnica.

Espero pois que os meus resultados, laboriosamente adquiridos, serão comparáveis aos da maior parte dos antropologistas.

A média da altura total da nossa série de camponeses micaelenses é de 164 centímetros, sendo o mínimo 148 e o máximo 181, de cada um dos quais há apenas um por cento.

A forma do crânio, segundo a média dos índices cefálicos, 78,30, entra na mesaticefalia de Broca e ainda que a convergência do seguinte quadro seja para os mesaticéfalos e a média exprima assim, ainda que assaz grosseiramente, a verdade dos factos, os dois outros graus da *norma verticalis* merecem grande consideração pela sua frequência, sobretudo os braqui e sub-braquicéfalos, os quais, como adiante veremos, possuem uma curiosa associação de caracteres. A distribuição do índice cefálico é a seguinte (nomeadamente de Broca): —

Dolicocéfalos	12}	44
Subdolicocéfalos	32}	
Mesaticéfalos		31
Sub-braquicéfalos	21}	25
Braquicéfalos	4}	
		100

Os índices cefálicos, máximo e mínimo, são de 87,20 e 71,50, que também como os termos extremos da estatura, não figuram senão em 1% cada um.

Pelo que diz respeito à circunferência craniana, a média das nossas medições é de 55 centímetros; máximo e mínimo 59 e 52.

As médias dos diâmetros antero-posterior e transversal do crânio são de 18,7 e 14,7 centímetros; o máximo e mínimo observados são para o primeiro de 20 e 71 centímetros, e para o segundo de 16 e 13,5 centímetros.

A forma geral da face é 81% mais ou menos alongada e 19% arredondada. A fronte mais ou menos vertical tem uma frequência de 43%, e a mais ou menos oblíqua de 57%. A saliência notável das bossas frontais aparece na nossa série em 13 casos e a da maçã do rosto em 6 apenas, e no geral dos nossos camponeses esta faz sensação por ser extremamente retraída, mesmo com uma nutrição regular.

A forma geral do nariz é predominantemente recta (70%), havendo 23% mais ou menos convexos e 7% mais ou menos côncavos. O nariz fortemente convexo e grande não é nada raro na população micaelense; mas o nosso quadro não apresenta um só nariz aquilino, nem mesmo nos lembramos de o ter nunca encontrado. Os narizes proeminentes são 38% e os pendentes apenas 4. A raiz indistinta não a encontramos senão em 2%; a raiz do nariz muito profunda aparece com uma frequência de 24% e apenas em 7 casos associada a arcadas supraciliares muito salientes.

Os cabelos são geralmente lisos; no nosso quadro não há um só caso de cabelos frisados, e há apenas 6% levemente ondedos. Pelo que diz respeito à cor, os louros e pretos têm uma frequência mínima, predominando castanho claro ou escuro. Nenhum dos indivíduos que compõem a nossa série, tem o cabelo vermelho, contudo temos observado um notável número de casos, em homens e mulheres, de cabelos vermelhos e rosto sardento (*tâches de rousseur*).

A cor da barba está assim repartida no nosso quadro: — loura 8%, ruiva 2%, castanha 83%, preta 7%.

Na cor dos olhos é ainda o castanho, e o castanho claro, que tem a frequência dominante. Contudo os tons verdes e pardos, conquanto não sejam tão frequentes, têm uma grande predominância sobre o castanho escuro. Nem nos indivíduos que medimos, nem nos outros micaelenses que temos encontrado, vimos um só caso de olhos verdadeiramente azuis (*bleu de faïence, bleu-ciel*).

Tendo assim exposto a frequência dos principais caracteres antropológicos do povo micaelense, nós vamos ver o modo por que esses caracteres andam habitualmente associados.

Começaremos por declarar que este trabalho não nos apresenta resultados bem acentuados, sendo geral a indiferença da associação.

Como relação entre a forma da face e a do nariz, o número insuficiente das faces arredondadas não permite uma conclusão segura; contudo diremos que a proporção de cada uma das formas, recta, convexa e côncava, é a mesma tanto nos indivíduos de face alongada como nos de face arredondada. A mesma insuficiência do número de faces arredondadas não nos permite nenhuma consideração de valor sobre a relação da forma da face com a cor dos olhos e cabelos.

Os narizes rectos e convexos apresentam-se associados indiferentemente a olhos verdes e castanhos claros, mas a maior parte dos olhos pardos encontra-se com narizes rectos e a maior dos olhos castanhos escuros com narizes mais ou menos convexos. O mesmo se dá com os cabelos: com os narizes convexos está a maior parte dos castanhos escuros e pretos e com os rectos é indiferente a associação de cabelos castanhos claros e escuros, e os pretos têm uma frequência mínima.

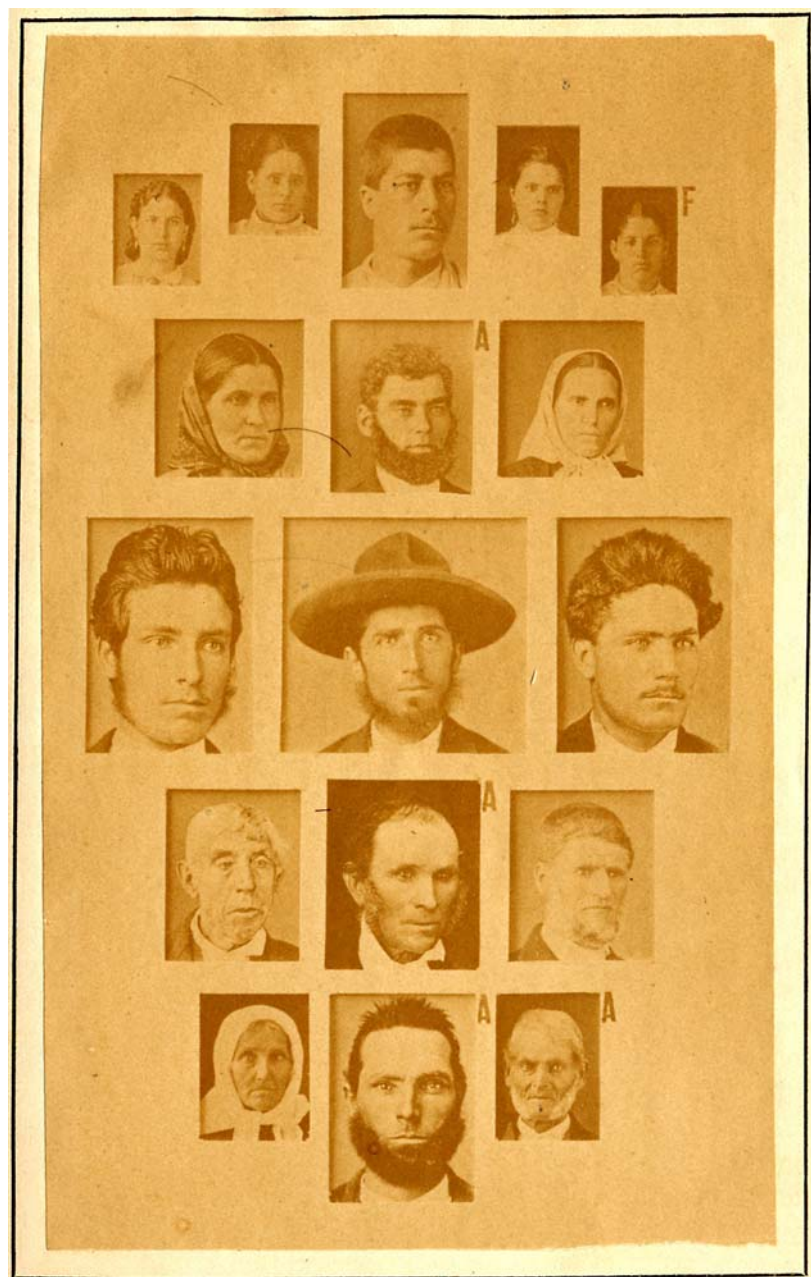
Falta-nos falar do modo frequente da associação de olhos e cabelos. Este facto, importante num grupo especial da nossa população que estudaremos no fim deste capítulo, não apresenta grande curiosidade quando consideramos a série inteira das nossas observações, tendo os cabelos castanhos claros uma grande frequência, todos os tons claros de olhos lhes andam naturalmente muito associados; os contrastes são raros, tanto nos olhos mais claros do que os cabelos, como no caso contrário, e o que maior sensação me produziu, foi o de olhos verdes claros, de um tom uniforme e brilhante, associados a cabelos pretos de azeviche; eu achei este contraste num camponês e numa camponesa, e esta última tinha uma fisionomia especial, uma cara alongada, um nariz saliente, descarnado e fortemente convexo.

A barba, como vimos, quase sempre castanha, anda também geralmente associada a cabelos de tom mais ou menos equivalente; os casos de barba notavelmente mais clara são tão pouco frequentes como os de barba mais escura (6%).

Com as notas precedentes e com uma detalhada e conveniente classificação por meio de cartões dos casos individuais que compõem o nosso quadro de observações, estamos de posse dos materiais para descrever os tipos fisionómicos da população que estudámos. A dificuldade deste trabalho não é porém das menores, atendendo a que as fisionomias dos micaelenses são extremamente variáveis nos seus traços essenciais; pode dizer-se que há um subtipo distinto para cada freguesia, e a fotografia que apresentamos, por isto mesmo muito incompleta, dará contudo a melhor ideia.

As populações das Feteiras e das Sete-Cidades, sobretudo nas mulheres, apresentam em muitos indivíduos um tipo distinto, de face muito alongada, nariz grande, recto e comprimido; e o mais notável é que a tez destas fisionomias é mais vermelha (*vermelhaça*, como diz o povo) do que trigueira; os beiços são grossos. Este tipo está perfeitamente representado pela quinta cabeça da primeira linha da nossa

fotografia – F. As cabeças marcadas – A – podem tomar-se como tipos característicos da população dos Arrifes.



Tipos fisionómicos de camponeses micaelenses <sup>(20)</sup>

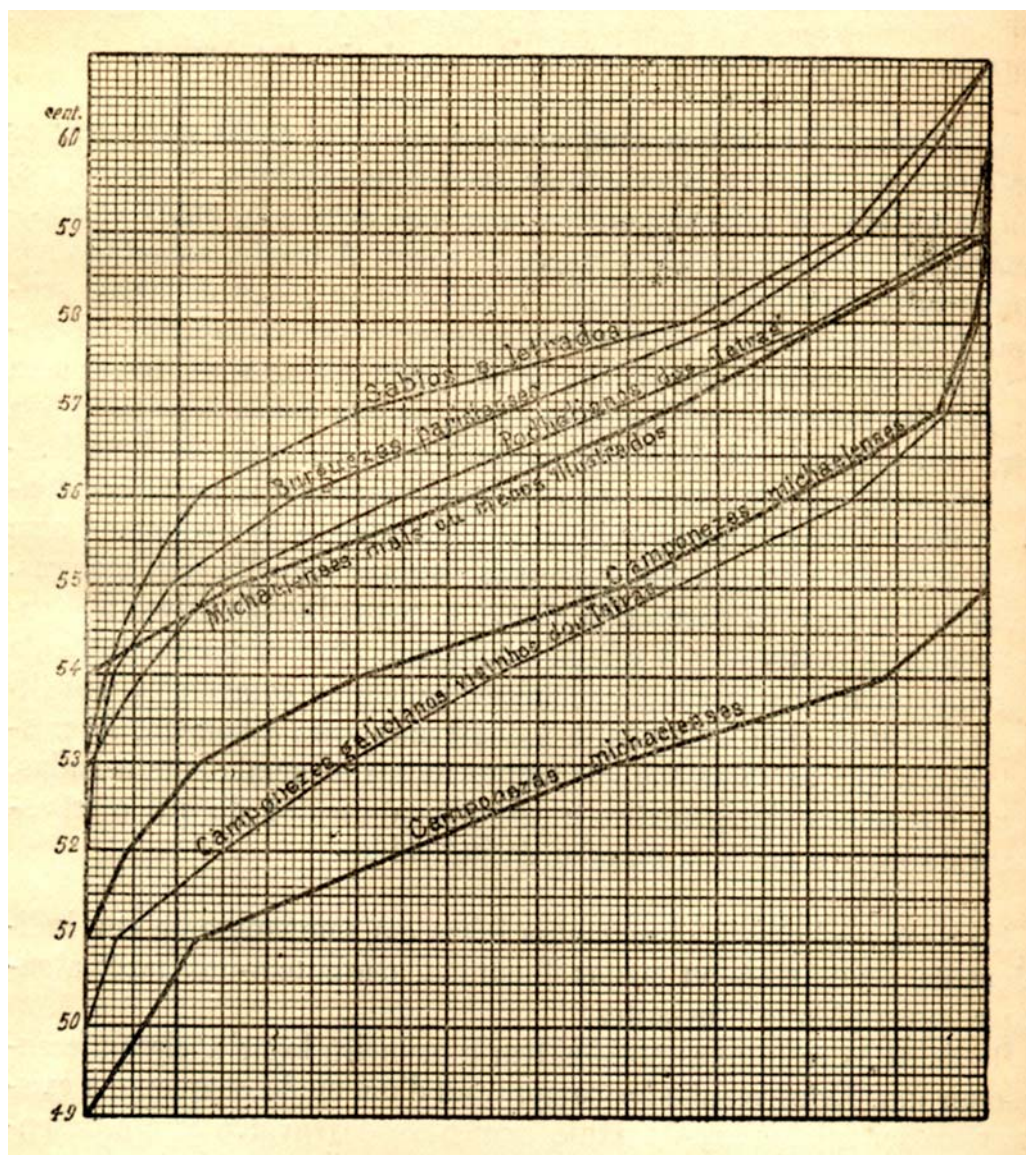
A fisionomia dos nossos camponeses é em geral assaz grosseira, os contornos são duros, a boca grande, só beiços espessos, o nariz quase sempre tortuoso e sem proporções, mas não achatado, antes excessivamente saliente em grande número de

<sup>(20)</sup> Esta fotografia é composta com retratos tirados ao acaso das provas dum fotógrafo, e parece dar por isso um efeito preferível ao do que se pudesse formar com indivíduos escolhidos expressamente.

casos. A fronte, sobretudo nas mulheres, é superiormente estreita, e os recrus que medi faziam sensação pela generalidade da depressão da parte ântero-superior do crânio e pela forma irregular deste, acontecendo muitas vezes haver uma das paredes laterais perfeitamente chata, se não muito deprimida, e a outra normalmente abobadada. As mulheres são então de uma fealdade notável, especialmente nas povoações centrais da parte ocidental da ilha; a mesma tortuosidade de contornos, e relativamente uma maior insipidez e apatia na expressão; muitas vezes formas maciças, a cabeça e o pescoço parecendo duma só peça. Devido talvez aos rudes trabalhos campestres a que se entregam, elas virilizam profunda e prontamente os traços fisionómicos; qualquer camponesa aos 30 anos tem uma cara de velha, e aos 40 uma cara de homem. Acrescentaremos que as caras são em ambos os sexos geralmente ossudas, e que o diâmetro bizigomático é visivelmente maior do que o transversal do crânio em bom número de indivíduos.

Algumas medições e observações feitas em camponeses e em indivíduos da classe mais ou menos ilustrada, permitem-nos fazer algumas comparações interessantes.

De todos os resultados obtidos tem o primeiro lugar a circunferência craniana. Estes resultados comprovam dum modo eloquente a existência da lei fisiológica, de que o crânio se desenvolve com o desenvolvimento da inteligência, lei evidente, mas de que ainda agora se descreu com a capacidade craniana de Gambetta. Sobre este ponto, como sobre muitos outros, há infelizmente ainda grande confusão de ideias, não se querendo distinguir o valor dos meros casos individuais do valor, incomparavelmente maior e mesmo único, dos factos obtidos, quando se opera sobre uma série conveniente. Certamente não se pode afirmar que um homem é inteligente, porque tem uma cabeça grande; mas, se uma população nos apresentar um notável número de crânios volumosos que outra população não possui, nós temos o direito de afirmar que a primeira é mais inteligente do que a segunda. É este facto essencial e não fracas oscilações na capacidade média dos seus crânios, como diz o Dr. Le Bon, o que distingue as raças superiores das inferiores. A antropologia não carece de certo das nossas observações para a comprovação destas verdades essenciais; contudo julgamos dever apresentar o que descobrimos, ao menos como factos particulares do grupo humano que estudamos.



Comparação da circunferência craniana dos micaelenses

Tanto o número de camponeses (17), como o de indivíduos mais ou menos ilustrados (31), que medimos, não é grande; ele é apesar disto muito suficiente. Todos sabem a dificuldade que há em submeter camponeses a medições antropológicas duma maneira séria; de indivíduos ilustrados poderíamos sem dúvida obter muito mais e mais escolhidos; mas os que medimos bastam para o nosso fim, e a pouca escolha que fizemos, compondo a série com estudantes, empregados comerciais e públicos, e poucos professores e advogados; torna os factos ainda mais eloquentes.

O nosso quadro de curvas centesimais de Le Bon <sup>(21)</sup> faz compreender claramente e dum só golpe de vista as profundas diferenças que o sexo e a educação intelectual produziram nos nossos camponeses, camponesas e indivíduos mais ou menos ilustrados. Julgámos interessante ajuntar outras curvas para mostrar a nossa posição

(21) Estas curvas, cujo sistema de construção e cujo valor se podem ver na obra do Dr. G. Le Bon – *L'homme et les sociétés* – mostram claramente e dum só golpe de vista as diferenças que há de grupo para grupo, e exprimem também rigorosamente os tantos por cento, pelo número de divisões que cruzam obliquamente entre os dois traços horizontais de cada grau da escala.

intelectual com respeito a outras povos e classes sociais, e que construímos com os números publicados pelo Dr. Le Bon no estudo antropológico que nos serve de modelo.

Os números que serviram para a construção das curvas que dizem respeito aos micaelenses, são os seguintes:

	CAMPONESES	IND. M. OU M. ILUSTR.	CAMPONESAS
58 a 59 cent.	1	20	---
57 a 58 "	5	16	---
56 a 57 "	17	22	---
55 a 56 "	18	26	---
54 a 55 "	29 --- 29	16 --- 16	12 --- 12
53 a 54 "	18	---	30
52 a 53 "	8	---	23
51 a 52 "	4	---	23
50 a 51 "	---	---	6
49 a 50 "	---	---	6
	100	100	100

Qualquer que seja a insuficiência da série de camponesas, o facto de se encontrar nela 12% das circunferências mais inferiores, as quais não foram encontradas em um único dos numerosos indivíduos do sexo masculino, bastaria para a tornar eloquente, visto que ela não é mais do que a comprovação de factos plenamente verificados. É extremamente curioso ver que a série das camponesas acaba precisamente aonde a dos indivíduos mais ou menos ilustrados começa; para este ponto de profunda separação convergem os termos da série de camponeses, e as nossas curvas dão a mais completa ideia desta posição intermediária destes últimos <sup>(22)</sup>.

(22) Não perderemos esta ocasião para insistir, com este exemplo tirado das nossas observações próprias, sobre o valor quase nulo das médias em antropologia. A média das circunferências cranianas das nossas camponesas é de 53 cm e a dos indivíduos mais ou menos ilustrados é de 56,8 cm. Isto diz-nos que os últimos têm geralmente mais 3 ou 4 centímetros do que as primeiras; mas não é por isto que se tem a mínima ideia do abismo intelectual realmente cavado entre uns e outros, e esta ideia só a pode dar o processo de seriação que empregamos e que nos mostra dum modo bem diverso, não já uma insignificante diferença de centímetros, mas este facto essencial em toda a sua força — que as camponesas estão *todas* de 55 centímetros para baixo e os mais ou menos ilustrados *todos* daí para cima. O que o Dr Le Bon, o primeiro adversário das médias em antropologia, escreveu no segundo volume de *L'homme et les sociétés*, não deve ser ignorado: «Utile, quand il se borne à prendre la moyenne d'un groupe de valeurs peu différents, comme, par exemple, des observations d'un même phénomène astronomique, cette méthode devient entièrement illusoire quand'il s'agit de comparer des valeurs très différentes». A média é sempre neste caso um valor artificial que, parecendo representar aquilo que mais frequentemente se observa, representa muitas vezes exactamente o contrário, aquilo que mais raras vezes é observado. Assim a média da circunferência dos nossos camponeses é de 55 centímetros e apenas 24 indivíduos, dos 100 medidos, possuem esta cifra, para a qual sem dúvida convergem os outros termos da série, mas que tem acima e abaixo de si a maior soma das frequências. Na classe mais ou menos ilustradas o exemplo é ainda mais frisante, porque, sendo a média entre 56 e 57 centímetros, este termo não constitui uma percentagem decididamente superior à de qualquer dos outros quatro, tendo-a até inferior à do que lhe fica imediatamente abaixo. Adoptadas até aqui por uma comodidade cega, as médias devem ser presentemente abandonadas no seu emprego exclusivo, e o processo de seriação torna-se indispensável.

Como nos nossos camponeses a circunferência craniana depende intimamente da estatura e as nossas camponesas são mais baixas (diferença de 11 centímetros na média), é preciso considerar este ponto duplamente interessante. A relação da circunferência craniana com a altura total nos nossos 100 camponeses é a que se vê no seguinte quadro:

	35 INDIVÍDUOS DE 148 A 162 CENT.	35 INDIVÍDUOS DE 163 A 167 CENT.	35 INDIVÍDUOS DE 168 A 181 CENT.
56 a 59 cent.	9	26	37
54 a 56 “	40	45	57
51 a 54 “	51	29	6
	— 100	— 100	— 100

À maneira que a estatura cresce, na última coluna, os termos invertem-se dum modo tal, que podemos tristemente afirmar que a massa dos crânios maiores da nossa camada popular existe apenas em virtude de uma causa anatómica. Não assim da camada popular para a mais ou menos ilustrada, porque as estaturas duma e doutra não diferem dum modo apreciável. Comparando agora a circunferência craniana das nossas camponesas com os 18 camponeses mais baixos e cuja estatura, compreendia entre 148 e 158 centímetros, apresenta uma média quase igual, temos:

	18 CAMPONESES DE ESTATURA MÉDIA DE 156 CENT.	17 CAMPONESAS DE ESTATURA MÉDIA DE 153 CENT.
55 a 59 cent.	27	---
52 a 55 “	68	65
49 a 52 “	5	35
	— 100	— 100

Mesmo assim a diferença conserva-se profunda; os termos invertem-se também perfeitamente e, de circunferências superiores a 55 centímetros, das quais as camponesas não apresentam um só caso, estes camponeses mais baixos ficam ainda possuindo 27 por cento.

A distribuição do índice cefálico poderia corresponder-se sensivelmente num e noutro sexo e na classe mais ou menos ilustrada, se prolongássemos as duas séries que são insuficientes. Eis o que as nossas observações produziram por enquanto:

	CAMPONESES	CAMPONESAS	ILUSTRADOS
Dolico.	12 } 44	17 } 65	26 } 46
Subdolico.	32 }	48 }	20 }
Mesati.	31	17	48
Sub-braqui.	21 } 25	12 } 18	6 } 6
Braqui.	4 }	6 }	---
	— 100	— 100	— 100



Não desejamos omitir algumas outras comparações: —

	CAMPONESES	CAMPONESAS	ILUSTRADOS
Ind. cef. máx.	87,20	84,11	81,58
med.	78,34	77,88	77,32
mín.	71,50	74,28	69,30
Dm. ant.-post máx.	20	19	20,5
med.	18,7	18,1	19,5
mín.	17	17	18,5
Dm. transv. máx.	16	15	16
med.	14,7	14	15,1
mín.	13,5	13	14
Circuf. cr. máx.	59	55	59
med.	55	53	56,8
mín.	52	50	54,5

A pequenez das outras duas séries não permite uma comparação rigorosa com a dos camponeses, e as diferenças que se notam devem ser a isso atribuídas principalmente, no que diz respeito à composição étnica que é forçosamente a mesma. Apesar disto apresentaremos ainda as proporções de olhos e cabelos:

	CAMPONESES	CAMPONESAS	ILUSTRADOS
Olhos pardos	13	---	6
--- verdes	23	53	20
--- cast. claros	54	47	54
--- --- escuros	10	---	20
	<u>100</u>	<u>100</u>	<u>100</u>
Cabelos louros	7	12	10
--- vermelhos	---	---	3
--- cast. claros	42	53	51
--- --- escuros	46	23	30
--- pretos	5	12	6
	<u>100</u>	<u>100</u>	<u>100</u>

Entre o tipo fisionómico do nosso camponês e o da classe mais ou menos ilustrada, há, me parece, uma diferença importante a assinalar: é a obliquidade da fronte e a associação harmónica também muito frequente da proeminência do nariz. A obliquidade da fronte na nossa classe cultivada e a verticalidade nos camponeses chamam a atenção. Este facto dá-se também em Portugal: numa colecção de cinquenta e tantas fotografias de um curso de direito que tenho observado várias vezes, faz sensação

o serem todas as faces, à excepção de três ou quatro, triangulares com as frentes muito oblíquas e alinhando com narizes rectos, agudos e proeminentes.

	CAMPONESES	CAMPONESAS	ILUSTRADOS
Fronte vertical	43	58	16
--- oblíqua	57	42	84
	<u>100</u>	<u>100</u>	<u>100</u>
Nariz proeminente	<u>38%</u>	<u>23%</u>	<u>61%</u>
Raiz do n. muito profunda	<u>24%</u>	<u>5%</u>	<u>29%</u>
Narizes proeminentes = 100	{ associados a frente oblíqua --- --- vertical	66	90
		34	10
		<u>100</u>	<u>100</u>

Diremos duas palavras dalgumas outras qualidades físicas dos camponeses micaelenses.

Em harmonia com as feições a forma geral do seu corpo é desgraciosa; tanto homens como mulheres são ossudos e inteiriços do tronco; os quadris são largos, o peito muitas vezes largo e alto; a força física ainda é muito notável, parecendo mesmo que muito superior à de quaisquer outros açorianos (23). As mulheres, conquanto pouco graciosas de formas, andam aprumadas com rapidez e firmeza, levando à cabeça, por léguas de caminho e sem descansarem muitas vezes, os objectos mais pesados e incómodos. Nós já vimos como elas suportam os mais rudes trabalhos dos campos. Elas andam a cavalo em bestas altas e sem rédea, sozinhas pelos atalhos mais perigosos, com um sangue frio admirável, e os rapazes são também educados nisto desde a mais tenra idade.

Pelas diferenças profundas de tipo fisionómico, de pronúncia e intonação da voz, de costumes étnicos e de moral que ainda se encontra entre povoações extremamente vizinhas, e sobretudo pela distribuição geral do índice cefálico, vê-se que os micaelenses estão ainda longe de constituírem um grupo verdadeiramente homogéneo, tão mista foi a composição originaria do povo português.

Aproveitando esta diversidade de composição, nós vamos agora estudar um grupo especial da população micaelense que nos parece ter muito interesse.

Vendo a distribuição quase indiferente do índice cefálico na série de camponeses que medimos, e parecendo-nos evidente que ali há o resultado do cruzamento, pelo menos, de dois grupos distintos pela forma do seu crânio, tivemos a ideia de estudar de *per se* cada um dos três grupos que essa distribuição nos apresentou. Os caracteres particulares apresentados pelo grupo dos braqui e sub-braquicéfalos são bastante curiosos para que deixemos de os mencionar aqui.

A sub-braquicefalia *parece* resultar de uma diminuição do diâmetro antero-posterior e de um aumento do transversal: —

---

(23) «... the men are a muscular race, and often handsome as well as athletic.» - BULLAR.

	DOLICO.	MESATI.	BRAQUI.
Dm. ant. – post.: -			
19 a 20 cent.	41 } 95	13 } 94	4 } 44
18 a 19 “	54 }	81 }	40 }
17 a 18 “	5 }	6 }	52 }
16 a 17 “	--- } $\frac{5}{100}$	--- } $\frac{6}{100}$	4 } $\frac{56}{100}$
Dm. transv.: -			
15 a 16 cent.	7	19	28
14 a 15 “	73	78	72
13 a 14 “	$\frac{20}{100}$	$\frac{3}{100}$	$\frac{---}{100}$

O *aumento* do diâmetro transversal não corresponde, como se vê, à *diminuição* do antero-posterior, e a circunferência acha-se portanto também mais reduzida nos subbraquicéfalos: —

	DOLICO.	MESATI.	BRAQUI.
57 a 59 cent.	7	9	---
53 a 57 “	89	85	68
51 a 53 “	4	6	35
	$\frac{---}{100}$	$\frac{---}{100}$	$\frac{---}{100}$

Acontece mesmo que esta redução da circunferência craniana afecta o mais insignificante número de indivíduos, sendo a média dos 4 indivíduos mais doliocéfalos de 56,5 cent. e a dos 4 braquicéfalos de 53,2 centímetros.

A estatura é também inferior: —

	DOLICO.	MESATI.	BRAQUI.
Inferiores a 160 cent.	14	16	52
Superiores a 160 cent.	86	84	48
	$\frac{---}{100}$	$\frac{---}{100}$	$\frac{---}{100}$

Mas o que é mais interessante neste grupo especial, é o modo de distribuição e de associação de cor de olhos e cabelos: —

	DOLICO.	MESATI.	BRAQUI.
Olhos pardos	9	23	8
--- verdes	30	7	32
--- castanhos claros	45	64	56
--- --- escuros	16	6	4
	39	30	40
	61	70	60
	<u>100</u>	<u>100</u>	<u>100</u>

	DOLICO.	MESATI.	BRAQUI.
Cabelos louros	7	10	4
--- cast. claros	52	42	24
--- --- escuros	36	42	68
--- pretos	5	6	4
	59	52	28
	41	48	72
	<u>100</u>	<u>100</u>	<u>100</u>

Isto indica já que nos sub-braquicéfalos predominam um pouco os olhos mais claros e muito os cabelos mais escuros e o quadro seguinte fará conhecer melhor a importância deste facto: —

MODO DE ASSOCIAÇÃO DA COLORAÇÃO DE OLHOS  
E CABELOS NOS 3 GRUPOS

	OLHOS	CABELOS	DOLICHO.	MESATI.	BRACHY.
Olhos e cabelo de tom equivalente	$\left\{ \begin{array}{l} \text{pardos} \\ \text{verdes} \\ \text{cast. claros} \\ \text{" escuros} \end{array} \right.$	louros	3	7	---
		"	2	---	4
		cast. claros	18	32	8
		" escuros	9	6	4
			32	45	16
Olhos mais claros que os cabelos	$\left\{ \begin{array}{l} \text{cast. claros} \\ \text{" " } \\ \text{verdes} \\ \text{" " } \\ \text{pardos} \\ \text{" " } \\ \text{verdes} \end{array} \right.$	cast. escuros	23	23	44
		pretos	2	7	4
		cast. claros	20	3	8
		" escuros	5	3	20
		" claros	7	6	8
		" escuros	---	10	---
			45	52	84
			14	19	28
			2	---	---
Olhos mais escuros do que os cabelos	$\left\{ \begin{array}{l} \text{cast. escuros} \\ \text{" claros} \end{array} \right.$	cast. claros	7	---	---
		louros	2	3	---
			9	3	---
			<u>100</u>	<u>100</u>	<u>100</u>

Nos sub-braqui e braquicéfalos há pois uma maior frequência de olhos claros associados a cabelos escuros, frequência que se torna principalmente notável nos 20% de olhos verdes e cabelos castanhos escuros (muito escuros segundo o nosso modo de interpretação), modo de associação que nos dolico e mesati conta apenas 5 e 3 por cento.

Sem querer exagerar a importância destes factos, nós achamos que eles tem, provisoriamente ao menos, uma grande curiosidade, porque, enquanto os dolico e mesati se correspondem mais ou menos rigorosamente nas largas divisões seriárias (e é este o facto essencial), os sub-braquicéfalos conservam-se sempre à parte por caracteres essenciais cujo modo de associação, incluindo a braquicefalia, é particular, como se sabe, a certos povos importantes na história da humanidade, os celtas, tão falados na composição étnica do povo português, e de que parecem legítimas representantes as populações francesas da Bretanha e do Auvergne.

Nós poderemos ainda tornar a curiosidade maior com a seguinte comparação entre um quadro do manual antropológico de Topinard e os resultados do nosso estudo:

		CABELOS		OLHOS	
		<i>Blonds</i>	<i>châtains</i>	<i>bleus</i>	<i>bruns</i>
França	Depart. <sup>os</sup> quimricos	55%	44%	56%	41%
	--- celtas	21	78	50	50

		LOUROS E CAST. CL.	CAST. ESC. E PRETOS	PARDOS E VERDES	CAST. CL. ESC.
Campon. michael.	Dolico	59%	41%	38%	62%
	Mesati	52	48	29	71
	Braqui	28	72	40	60

Seja qual for a razão, parece evidente que os atributos celtas predominam na população micalense. Um estudo detalhado e mais vasto dos nossos braqui e sub-braquicéfalos, será para nós o objecto de uma outra memória; mas no capítulo seguinte encontraremos ainda nova curiosidade aos factos já aqui constatados.

## CAPÍTULO VI

### DIFERENCIAÇÃO DO GRUPO

Elementos de que se formou a população micalense actual. – Falta do documento histórico da colonização popular. – Época da colonização. – Documentos fornecidos pela linguística, intonação da voz, costumes étnicos. – Origem dos povoadores de que se ocupam as genealogias. – Influência do sangue estrangeiro. – Antropologia e psicologia comparadas dos camponeses micalenses e de diversos camponeses de Portugal. – Resultado destas comparações.

Chegados ao fim do nosso trabalho difícil, resta-nos torná-lo interessante pela comparação dos resultados obtidos com os factos antropológicos e psicológicos de Portugal, afim de conhecermos a diferenciação que a redução dos elementos, o isolamento e o novo meio possam ter produzido.

Antes porém de fazermos essa comparação e na impossibilidade de obter dados de todo o Portugal, deveríamos assentar em bases mais ou menos seguras a discussão da nossa origem particular, deveríamos discutir com documentos linguísticos e etnológicos, à falta do documento histórico da colonização popular, qual a província de Portugal donde principalmente viemos, e depois concentrar as nossas observações sobre essa província. Infelizmente, no estado actual dos trabalhos de linguística e etnologia portuguesas e mormente dos de antropologia histórica, para os quais não há ainda uma só palavra, essa discussão é assaz difícil, senão absolutamente impossível, porque acresce que a população micalense tem visivelmente uma grande variedade de pequenas origens antropológicas e étnicas. Querer achar uma origem predominante no meio desta diversidade de tipo fisionómico, de costumes, de pronúncia, de intonação de voz, que há de freguesia para freguesia, não é certamente uma investigação muito digna de tentar-se. Contudo, por mais heterogénea que seja a população micalense, ela possui um conjunto de caracteres comuns que a distinguem à primeira vista de todas as outras ilhas do arquipélago. Não me lembro aonde li que os micalenses eram, de todos os açorianos, os que mais se pareciam com os portugueses do continente, e crê-se que as outras ilha, chamadas *de baixo*, foram geralmente colonizadas por flamengos e que a isto se deve atribuir o tipo diverso que as suas populações apresentam. Esta maneira de ver é superficial; os flamengos colonizaram essas ilha, principalmente o Faial, mas decerto que este elemento não foi capaz de alterar profundamente a camada popular; a linguagem, os cantos, as construções, os costumes, são ao menos portugueses legítimos, e os apelidos da ilha de S. Jorge são pela maior parte de famílias antigas do Minho<sup>(24)</sup>. A ilha de S. Maria que não entra nesta denominação de *ilha de baixo* e a que ninguém atribui colonização que não seja portuguesa, apresenta também grandes diferenças da de S. Miguel. A mais importante destas diferenças é a da intonação da voz; em S. Maria a fala é plangente e guinchada, o que harmoniza perfeitamente com aquelas fisionomias uniformemente choronas.

Dissemos que o documento histórico da colonização popular falta completamente. Em nenhum livro, dos muitos que tratam da descoberta e colonização das ilhas dos Açores, se encontra com efeito uma só palavra a respeito da origem do

---

(24) Informação do Sr. Dr. Ernesto do Canto.

povo micalense. Nem os registos paroquiais, nem os mais antigos títulos de aforamento, nos podem dar também indicação alguma, porque uns e outros não são anteriores a 1600 quando a ilha se achava toda colonizada há século e meio.

Nestas condições, era-nos preciso interrogar a etnologia e a linguística. Coleccionámos grande número de termos do vocabulário popular, frases, comparações, indicações sobre a pronúncia e intonação da voz, os quais pusemos nas mãos dos mais distintos etnologistas portugueses. O Dr. Teófilo Braga comunicou-nos preciosas ideias sobre os cantos populares e sobre alguns costumes, e a sua opinião é que o fundo da nossa população é minhoto. O Dr. Teófilo Braga é micalense e a sua opinião é por esse lado preciosa, e o Minho é uma província que ele visita habitualmente. As aproximações que o nosso ilustre patricio faz podem porém fazer-se com verdade a respeito doutras províncias. Os cantos e contos populares e as superstições não têm aliás valor algum para a nossa tese; não há nenhum que se encontre nos Açores que se não encontre também em Portugal, em toda a Península, que não seja mesmo comum a todos os povos do sul da Europa: a superstição do feto de S. João estende-se, como vimos, até às montanhas da Galiza; a exploração destes documentos é pois incapaz de nos servir para determinar de nenhum modo a nossa origem particular. Como na classificação genealógica dos organismos biológicos, os caracteres tirados dos cantos e superstições tem grande valor para a limitação de grandes grupos etnológicos, correspondem aos caracteres de ordem e família; os caracteres tirados da linguística, pronúncia, intonação de voz, em razão da sua persistência muito menor, são os próprios para limitar os pequenos grupos géneros e espécies.

Dirigimo-nos pois aos Srs. Adolfo Coelho e Leite de Vasconcelos que têm feito estudos especiais sobre a glotologia portuguesa. Fizemo-lhes notar as particularidades locais. Elas são curiosas: o lugar da Bretanha apresenta uma intonação um pouco cantada, uma pronúncia nasal exactamente igual em muitas palavras ao *poeur e coeur* dos franceses (*máüto* = mato); nas Capelas, Pico da Pedra, Rabo de Peixe, povoações sucessivas, a intonação da voz não faz sensação; na Ribeira Grande reaparece a pronúncia semelhante ao *poeur e coeur* (*laiürga-me*), mas sem a intonação cantada e nasal e é incomparavelmente brutal; no Nordeste a pronúncia é admiravelmente correcta, a intonação muito suave, e um dos meus amigos, bacharel em direito, afirma-me que a das mulheres faz lembrar muito a das lavadeiras de Mondego (pronunciam *pareide* = parede, *leinhá* = lenha, contraste com a Ribeira Grande aonde se diz *fóvas*, *farãnhá* = favas, farinha). Convém precisar porém que em nenhuma destas variantes curiosas, circunscritas há mais de 4 séculos a freguesias rentes umas das outras, se encontra a pronúncia toda nasal particular da ilha Terceira, nem o guinchado de S. Maria, nem o *cantabile* de S. Jorge, Pico e Faial, nem tão pouco nada que dê uma ideia da intonação predominante no continente e que aqui vulgarmente se chama *fala de Lisboa* e que se distingue principalmente pelo som fechado do *ei*: nós dizemos todos acentuadamente *ribeiro*, *vermeilho* e tomamos por afectação a pronúncia contraria.

O Sr. Adolfo Coelho, excessivamente prudente, não quis emitir opinião alguma e ignoramos mesmo se algum estudo tem publicado com os materiais que tivemos a honra de lhe comunicar. O Sr. Leite de Vasconcelos, pelo comportamento do *b* e do *v* que na pronuncia açoriana não tem nada que ver com a inversão característica do norte de Portugal e pelos desenhos de construções açorianas populares em que se não pode reconhecer as casas dos aldeões do Minho, pronuncia-se contra a opinião de que de lá viesse o fundo da população micalense e julga mesmo poder afirmar-nos que esse fundo se compõe de habitantes do sul de Portugal. Os campos do Minho terão a maior semelhança com os das ilha; mas os camponeses tem pelo menos costumes e pronuncia

muito diversos. Eis enfim o que nos escreve o Sr. Leite de Vasconcelos: — «V... quer que eu responda ao seguinte: Pelas questões da linguística pode afirmar-se que a maior parte do povo micalense veio do norte, do centro, ou do sul de Portugal? A resposta é um pouco difícil, como V... vê bem, porque a nossa dialectologia está por ora muito atrasada. Contudo eis o que agora posso dizer: o dialecto açoriano oferece factos próprios; factos que são comuns à linguagem popular de todo o Portugal; factos enfim que, quanto as minhas investigações pessoais me o permitem afirmar, pertencem em parte ao dialecto do centro, em parte ao do sul, *mas mais a este*. Para ele pertencer ao do norte, como V... parecia supor, era preciso que apresentasse a constante confusão entre *b* e *v*, a terminação *om* por *ão* e um leve *u* antes de *r* ou *l* como *aurma*, *Caulros*, ... *A minha opinião particular e provavelmente pessoal é que a influência do sul é bastante considerável*. Assim aí o termo *monte* tem a mesma significação que no Alentejo, aí falta a ornamentação das cangas peculiar ao Entre-Douro-e-Minho; os termos de lavoura daí são iguais a alguns do sul <sup>(25)</sup>. Pelo que respeita à construção consultei um arqueólogo do Minho muito competente e ele respondeu-me: — No esboço do açoriano não reconheço os casais do Minho. Casas colmaças com empena muito alta não faltam; mas será um verdadeiro milagre encontrar chaminé numa casa destas. Mesmo em casas telhadas as chaminés têm diferente forma». — Com respeito porém, não propriamente à pronúncia, mas à intonação da voz, o Dr. Teófilo Braga escreve-nos que liga a este character a maior importância e que o minhoto e o micalense tem igualmente a fala «áspera e atrapalhada»; é com o Minho que nisto encontrou maiores analogias.

A origem dos povoadores de que se ocupam as genealogias é por uma grande parte do Algarve <sup>(26)</sup>; em Frutuoso encontra-se também muitos troncos que ele dá como do Alentejo, Beira e Minho.

O Conde D. Henrique, tendo o seu centro de explorações no Algarve, seria de lá que enviaria os primeiros colonos para as primeiras ilhas descobertas, S. Maria e S. Miguel. A vivacidade do algarvio, o seu tipo árabe distinto em todo o Portugal, não é porém de certo nos nossos camponeses de S. Miguel que tem actualmente representantes bem garantidos nos Açores.

A questão ficará assim talvez eternamente pendente e, repetimo-lo, à vista das particularidades locais que a ilha apresenta não é muito digna de tentar-se a sua resolução. Nós devemos admitir que o povo micalense se compõe de descendentes de colonos vindos das mais diversas partes de Portugal <sup>(27)</sup>.

---

(25) Não podemos deixar de reconhecer que esta hipótese tem pelo seu lado a maior parte de verdade. A questão do *b* e do *v* e da terminação *om* é essencial. O nosso povo diz *varoneza*, *brebidade*, *balverde*, mas o *vom binho* e o *nom bai*, tão salientes na população do norte de Portugal, não tem na fala dos nossos camponeses, nada que os represente. A confusão que no norte de Portugal é *constante*, aqui é inteiramente excepcional. Quem conhece a persistência daquele modo de falar num ou noutro indivíduo que aqui reside há muitos anos, e tem em vista que, nas colónias separadas da raça-mãe, os costumes, os cantos, a pronúncia e os vocábulos, persistem como lei em toda a sua pureza durante séculos longe de desaparecerem, compreende todo o valor do argumento que o Sr. Leite de Vasconcelos opõe. Seria mais crível que ele tivesse lá desaparecido do que aqui.

Em S. Miguel chama-se *monte* ao *casal de lavrador*; as montanhas são exclusivamente chamadas *picos*.

(26) Informação do Sr. Dr. Ernesto do Canto.

(27) Os nomes de lugares comuns a S. Miguel e ao continente encontram-se espalhados por todas as províncias: Arrifana (origem improvável do nosso Arrifes) perto de Ovar e no Algarve; Lagoa no Algarve e Alentejo; Tondela perto de Viseu; Rabaçal perto de Coimbra e na Beira; perto do Nordeste temos uma povoação chamada Algarvia. Cabrela, apelido popular micalense, é uma aldeia do Alentejo.

A palavra minhotos é geralmente empregada pelos nossos camponeses para designar os inhames pequenos; isto envolveu talvez uma sátira aos colonos vindos do Minho e mostra que eles eram em minoria.



A mistura de sangue estrangeiro, a não ser talvez o dos espanhóis, no tempo da dominação, não parece ter-se produzido. Alguns ingleses e franceses que aportam e residem na ilha, não deixam influência sensível; uma colônia de emigrantes holandeses naufragados que há anos esperaram alguns meses navio que os transportasse, parece ter deixado na povoação dos Arrifes, junto da qual estiveram, alguns traços da sua passagem, o que explica o cabelo *branco de estopa* e a pele finíssima e do rosado característico que só ali se observa em alguns indivíduos. Isto porém não tem importância alguma, devendo em breve fundir-se na massa da população esta pequena perturbação dos caracteres hereditários solidamente acumulados no longo passado do povo português. A passagem do sangue espanhol parece ter sido notável. Bullar julgou reconhecê-la e Wyville Thomsom também <sup>(28)</sup>.

Não sendo possível descobrir seguramente a nossa origem particular, resta-nos utilizar todas as medições que o Sr. Francisco de Paula e Oliveira, que conheci pelos trabalhos antropológicos que leu no Congresso de Lisboa, teve a bondade extrema de preparar para mim com um empenho que me deixou imensamente reconhecido, e comparar com essas séries as nossas.

O Sr. Paula e Oliveira enviou-me primeiramente medições e observações realizadas em 50 indivíduos do Minho que ele encontrou em Lisboa empregados como moços de fretes e aí há pouco residentes, e em quem verificou todas as condições para comporem uma boa série; e mais tarde enviou-me uma outra série composta de indivíduos do Minho, 7 do distrito de Aveiro, 11 do de Coimbra, 18 da Estremadura e 16 do Algarve, de Viseu, Oeiras, Trás-os-Montes: ao todo 57 <sup>(29)</sup>

Antes de estabelecermos a comparação entre os camponeses micaelenses e os do continente, é-nos preciso examinar se as séries formadas com os indivíduos das diversas regiões de Portugal, medidos e observados pelo Sr. Oliveira, diferem muito entre si, isto é, se o número total desses indivíduos pode compor uma série mais ou menos homogênea, ou, no caso contrário, se algum grupo se aproxima mais do nosso. O número de camponeses do Minho é suficiente para formar uma série; não acontecendo o mesmo para cada uma das outras províncias, reuniremos os camponeses dos distritos de Aveiro, Coimbra, Viseu e os da Estremadura numa só série que oporemos à dos minhotos.

---

Estando a imprimir-se este trabalho o Sr. David Xavier Cohen, engenheiro, faz-me notar a grande semelhança que há entre a equivalência em litros das medidas do concelho de Vagos, distrito de Aveiro, e a do distrito de Ponta Delgada, segundo os *Mapas das medidas do novo sistema legal*, Lisboa 1868.

(28) Eis o que observa Bullar: - «Os insulanos chamam-se portugueses e falam a língua de Portugal; mas, tendo os espanhóis dominado em tempo as ilhas, a raça cruzou-se e a mistura de sangue mourisco melhorou-a. Eles são mais formosos e graciosos do que os portugueses. Mas ainda que o insulano seja de menor estatura e os camponeses tenham uma feição geral que os caracteriza, a diferença de fisionomia em diversas partes da ilha é tão grande que se pode dizer que em cada lugar há um tipo fisionómico especial. Alguns dos tipos mais perfeitos foram encontrados por mim nos arredores da Lagoa; mas os homens pareciam bandidos e diz-se que são turbulentos, irascíveis e vingativos ... Há também diferenças de fisionomia entre as diversas ilhas do arquipélago, ainda mais aparentes do que as que podemos notar entre os habitantes das diversas freguesias de cada uma». (*A winter in the Azores*, Vol. I). Wyville Thomson, falando dum rapariga que encontrou numa eira em Vila Franca do Campo, diz: - «As mulheres dos Açores tem geralmente uma aparência inferior à dos homens; mas nesta granja algumas das raparigas eram formosas também, com uma compleição delicada, e mais dum tipo espanhol do que português».

(29) Tenho a maior confiança nas medições do Sr. Oliveira; bastaria para me a dar o cuidado que o mesmo Sr. teve em explicar-me miudamente os processos e instrumentos de que usou, que apenas diferem dos meus no uso do compasso de espessura de Mathieu.

## ANTROPOLOGIA COMPARADA DOS CAMPONESES DO NORTE E DO CENTRO DE PORTUGAL

	CAMPONESES DO NORTE	CAMPONESES DO CENTRO
ALTURA TOTAL -	(50 do Minho)	(40 de Aveiro &).
195 a 200 cent.	--- } ---	2,5 } ---
190 a 195	--- } ---	--- } 5,5
185 a 190	--- } ---	--- } ---
180 a 185	--- } ---	3 } ---
175 a 180	2 } 12	5,5 } 19
170 a 175	10 } 12	13,5 } 19
165 a 170	22 } 76	27,5 } 68
160 a 165	28 } 76	18,5 } 68
155 a 160	26 } ---	22 } ---
150 a 155	12 --- 12	7,5 --- 7,5
	<hr style="width: 50%; margin: 0 auto;"/> 100	<hr style="width: 50%; margin: 0 auto;"/> 100
 CRÂNIO: -		
Dolicocéfalos	42 } 66	55,5 } 66,5
Subdolico.	24 } 26	11 } 22,5
Mesati.		
Sub-braqui.	4 } 8	11 } 11
Braqui.	4 } <hr style="width: 50%; margin: 0 auto;"/> 100	---- } <hr style="width: 50%; margin: 0 auto;"/> 100

CAMPONESES DO NORTE

CAMPONESES DO CENTRO

ALTURA TOTAL -

(50 do Minho)

(40 de Aveiro &).

195 a 200 cent.	---	}	---
190 a 195	---		
185 a 190	---		
180 a 185	---		
175 a 180	2	}	12
170 a 175	10		
165 a 170	22	}	76
160 a 165	28		
155 a 160	26		
150 a 155	12	---	12
			<u>100</u>

2,5	}	5,5
---		
---		
3	}	19
5,5		
13,5	}	68
27,5		
18,5	}	7,5
22		
		<u>100</u>

CRÂNIO: -

Dolicocéfalos	42	}	66
Subdolico.	24		
Mesati.			26
Sub-braqui.	4	}	8
Braqui.	4		
			<u>100</u>

55,5	}	66,5
11		
		22,5
11	}	11
----		
		<u>100</u>

CIRCUNFERÊNCIA

CRANIANA: -

59 a 60 cent.	4	}	12
58 a 59	---		
57 a 58	8	}	82
56 a 57	28		
55 a 56	48	}	6
54 a 55	6		
53 a 54	2	}	6
52 a 53	4		
			<u>100</u>

2,5	}	24,5
7		
15	}	63,5
17,5		
28,5	}	12
17,5		
12	}	12
---		
		<u>100</u>

OLHOS: -

Azuis	18
Pardos	10
Verdes	4
Castanhos claros	26
--- escuros	42
	<u>100</u>

14
12
---
24
50
<u>100</u>

CABELOS: -		
Castanhos claros	16	13
--- escuros	52	54
Pretos	32	33
	<u>100</u>	<u>100</u>
	-----	-----
Lisos	98	85
Ondeados	---	10
Frisados	2	5
	<u>100</u>	<u>100</u>
	-----	-----
NARIZ: -		
Recto	78	71
Convexo	8	3
Côncavo	10	21
Aquilino	4	5
	<u>100</u>	<u>100</u>
	-----	-----

Bem a nosso pesar e apesar das diligências empregadas pelo Sr. Paula e Oliveira, não nos foi possível obter observações algumas sobre os camponeses do sul de Portugal, Alentejo e Algarve; acabamos de ver que ao menos do Minho até à Estremadura, não existem diferenças antropológicas de valor, como por exemplo as que separam, no estudo do Dr. Gustavo Le Bon, os camponeses dos Tatras dos seus vizinhos da Galiza. Resumiremos o quadro precedente: —

	CAMP. DO MINHO	CAMP. DE AVEIRO &
Altura total média	163,5	164,5
Ind. cef. Médio	76,24	75,49
Dm. ant.-post. Médio	18,9	19
--- transv. Médio	14,4	14,3
Circ. craniana média	55,9	55,8

Nem as médias, nem as comparações seriárias mostram uma diferença de valor. Os caracteres fundamentais da distinção física das raças, forma do crânio, cor dos olhos e dos cabelos e forma do nariz, podem dizer-se perfeitamente iguais. A circunferência craniana difere a favor dos camponeses de Aveiro na comparação seriária, facto que não deixa de estar em harmonia com o seu estado intelectual superior que vamos ver já.

Evidentemente demonstrado que os indivíduos de Portugal podem todos formar uma série homogénea capaz de se opor à dos nossos camponeses micaelenses, entraremos nesse interessante trabalho de comparação <sup>(30)</sup>. Antes porém de o fazermos estudemos as diferenças de ordem psicológica, de aspecto exterior, meio e condições de existência, das diversas populações do continente, e assim teremos os elementos dum estudo comparativo completo. Recorreremos para isto

(30) Não deveremos deixar de dizer que fizemos entre os camponeses micaelenses de diversos grupos de freguesias o mesmo trabalho de comparação que para os das diversas províncias de Portugal. Com os 100 camponeses observados formei 4 grupos, reunindo em cada um freguesias semelhantes pelo seu tipo fisionómico, intonação de voz, &: -

**GRUPO N.º 1** – 26 camponeses da costa norte-ocidental da ilha (Santo António, Bretanha, Mosteiros, 7-Cidades, Várzea, Ginetes, Candelária, Feteiras);

**GRUPO N.º 2** – 25 camponeses da região central e baixa (Relva, Arrifes, Cidade, Fajã de Baixo e de Cima, Livramento, Lagoa, Água de Pau, Capelas, Fenais da Luz);

**GRUPO N.º 3** – 35 camponeses da região norte-oriental (Rabo de Peixe, Ribeira Grande, Ribeirinha, Porto Formoso, Maia, Fenais da Ajuda, Nordeste);

**GRUPO N.º 4** – 14 camponeses da região sul-oriental (Água de Alto, Vila Franca, Povoação, Faial da Terra, Ribeira das Tainhas, Furnas).

Reconheci que o grupo n.º 4, visivelmente insuficiente, dá por isto contrastes disparatados e deve ser aqui rejeitado na comparação que segue: -

	GRUPO N.º 1	GRUPO N.º 2	GRUPO N.º 3
Dolico.	8 } 31	18 } 44	11 } 43
Subdolico	23 } 31	26 } 44	32 } 43
Mesati.	35	34	32
Sub-braqui.	30 } 34	18 } 22	23 } 25
Braqui.	4 } 34	4 } 22	2 } 25
	<u>100</u>	<u>100</u>	<u>100</u>
<b>CIRC. CRANIANA:</b>			
57 a 59 cent.	-- } 20	15 } 52	9 } 57
55 a 57	20 } 20	37 } 52	48 } 57
53 a 55	57 } 80	37 } 48	34 } 43
51 a 53	23 } 80	11 } 48	9 } 43
	<u>100</u>	<u>100</u>	<u>100</u>
<b>OLHOS:</b>			
pardos	12	10	17
verdes	27	26	26
cast. claros	53	56	52
--- escuros	8	8	5
	<u>100</u>	<u>100</u>	<u>100</u>
<b>CABELOS:</b>			
Louros	4	---	10
cast. claros	38	51	37
--- escuros	47	41	53
pretos	11	8	---
	<u>100</u>	<u>100</u>	<u>100</u>

Tendo feito estas comparações para ver se às diferenças de fisionomia correspondiam modificações antropológicas, vê-se que foi precisamente ao resultado contrário que cheguei: existe uma identidade das mais notáveis entre os três grupos; a dos olhos verdes e castanhos claros é perfeita. Na forma do crânio é que as diferenças seriam consideráveis se as séries fossem maiores; elas são aliás do mesmo grau das que separam as diversas populações de Portugal entre si. A depressão da circ. cran. no grupo n.º 1 concorda com a sua composição de aldeias afastadas da cidade e vilas.

	<b>BEIRÕES</b>	<b>MINHOTOS</b>	<b>TRANSMONTANOS</b>
Aspecto exterior	Laboriosos, persistentes e distinção de caracter nem elevação de espirito.	Vivos, ágeis, robustos.	Menos vivos, mas mais robustos. Homens de estatura hercúlea, mas em cuja face não luz um brilhante reflexo de vida exterior. Trabalhadores, audazes bandidos.
Meio .....	Clima temperado, húmido e chuvoso. Paisagem monótona e curta; vegetação humilde. ( <i>Vallées fraîches et accidentées du Minho.</i> ) - MORELET).	Clima mais seco e menos chuvoso, e mais rigoroso o inverno e o verão. Paisagem mais vasta; florestas de carvalhos e castanheiros gigantes	Clima quente e húmido mas terras baixas. Paisagem grandiosa; as mais altas serras de Portugal aonde abundam os gelos; florestas de carvalhos, pinheiros e castanheiros colossais. ( <i>«Les grés stériles de la province de Beira.»</i> - MORELET)
Ocupações .....	Agricultores	Agricultores	Agricultores e pastores ; pescadores no litoral.
Estado intelectual	Obtusus. Falta de sentimento artístico	Regularmente inteligentes	Regularmente inteligentes <sup>(31)</sup>
Condições de existência .....	População exorbitante, mas um solo fértil e bem cultivado	População menos densa e solo menos fértil, mas uma maior vastidão de culturas.	Condições muito regulares.

Ao contrário dos factos apresentados pelas medições e observações antropológicas, as diferenças existentes entre as diversas populações de Portugal, debaixo do ponto de vista do seu aspecto exterior, do meio em que vivem, do seu estado intelectual e das suas condições de existência, são enormes.

Percorrendo a coluna dos habitantes do Minho, vemos uma perfeita semelhança com a ilha cujo povo estudamos; parece que estamos à *História de Portugal* do Sr. Oliveira Martins, ainda que a sua apreciação dos traços psicológicos dos povos que descreve, e do meio sobretudo, nos pareça um pouco poética para o nosso fim: —

---

(31) Este estado evidente, acabamos de o ver acusado na série correspondente de circunferências cranianas.

**ALENTEJANOS****ALGARVIOS****ESTREMADURA  
AO SUL DO  
TEJO****RIBATEJANOS**

Vivos, desempregados, porte seguro, alegres e comunicativos.

Tipo distintíssimo. Extremamente vivos; movimentos e falar constantes.

Embrutecidos pelo meio.

Laboriosos e pacíficos

Clima temperado no inverno, sol dardejante no estio. Paisagem com o grandioso de uma imensa planície apenas ondulada; florestas de sobros e azinhos; riqueza de tons. «*Tristes solitudes de l'Alentejo*». – MORELET).

Sol já africano, mas por circunstâncias especiais, uma primavera constante. Os campos são jardins; extensos pomares. («*Les collines noires et monotones de l'Algarve*». – MORELET).

Calor excessivo, ausência de montanhas e de vegetação capazes de mitigar a influência doentia dos vapores quentes do mar e dos pântanos. Solidões e areais.

O mais benigno clima de todo o país. Paisagem infundindo uma plena vida e uma doce alegria; o mais belo e variado panorama do país; vastas planícies matizadas de povoações e bosques de salgueiros e álamos; grandes pinheirais; serras vestidas de espesso arvoredo.

Agricultores e pastores; grandes criadores de porcos.

Principalmente marítimos e mercadores costeiros de frutas.

Trabalhos mortíferos das marinhas do sal e da cultura do arroz.

Agricultores.

Sentimento artístico pouco desenvolvido.

Sentimento artístico muito desenvolvido.

Pouco inteligentes.

Inteligentes. Canções monótonas e tristes como o ruído do mar e a vida do nauta, são particulares às povoações marítimas.

Populações a menos densa, mas a maior soma de terrenos incultos.

Viver de uma facilidade excepcional.

Populações miseráveis.

População regular e sofrível abundância.

a ler um resumo do que sobre ele temos escrito àquele respeito.

Podemos agora entrar no estudo completo da diferenciação que existe entre nós e o povo continental: —

ANTROPOLOGIA E PSICOLOGIA COMPARADAS DOS CAMPONESES  
MICAELENSES E DOS DIVERSOS CAMPONESES DE PORTUGAL

CAMP. DE S. MIGUEL      CAMP. DE PORTUGAL  
(SÉRIE COMPLETA)

ALTURA TOTAL:

180 a 200 cent.	1 } 12	2 } 18
170 a 180	11 } 12	16 } 18
155 a 170	85 } 88	72 } 82
145 a 155	3 } 100	10 } 100
	-----	-----
Média:	164	164,6

CRÂNIO: -

Dolico.	12 } 44	54,5 } 70,5
Subdolico.	32 } 44	16 } 70,5
Mesati.	31	23,5
Sub-braqui.	21 } 25	3,5 } 6
Braqui.	4 } 100	2,5 } 100
	-----	-----

Índice cef. médio	78,34	75,16
Dm. ant. post. médio	18,7	19,1
--- transv. médio	14,7	14,3

CIRCUNFERÊNCIA CRANIANA: -

59 a 60 cent.	--- } 6	2 } 16
58 a 59	1 } 6	5 } 16
57 a 58	5 } 64	9 } 76
56 a 57	17 } 64	26 } 76
55 a 56	18 } 64	40 } 76
54 a 55	29 } 30	10 } 8
53 a 54	18 } 30	6 } 8
52 a 53	8 } 30	2 } 8
51 a 52	4 } 100	--- } 100
	-----	-----
Média:	55	56,1



OLHOS: -

Azuis	---	14
Pardos	13	11
Verdes	23	2
Castanhos claros	54	21
---- escuros	10	52
	<u>100</u>	<u>100</u>
	-----	-----

CABELOS: -

Louros	7	---
Castanhos claros	42	12
--- escuros	46	53
Pretos	5	35
	<u>100</u>	<u>100</u>
	-----	-----
Lisos	94	91
Ondeados	6	5
Frisados	---	4
	<u>100</u>	<u>100</u>
	-----	-----

NARIZ: -

Recto	70	82
Convexo	23	5
Côncavo	7	10
Aquilino	---	3
	<u>100</u>	<u>100</u>
	-----	-----

ASPECTO EXTERIOR.....

Laboriosos, mas pesados, sem verdadeira actividade; fisionomia sem expressão; falar em extremo grosseiro.

Apresentando do norte ao sul as maiores diferenças; mas em geral mais ágeis e activos; fisionomia muita mais expressiva; falar correcto e gracioso.

MEIO.....

Clima insular temperado; ar pesado e húmido; céu baixo e nublado. Paisagem curta e monótona. Fauna e flora extremamente pobres.

Clima continental geralmente seco e com rigores de estio e inverno; céu frequentemente puro e profundo. Paisagem com o grandioso da planície, das serras cobertas de espesso arvoredos; riqueza de tons. Fauna e flora muito mais ricas.

OCUPAÇÕES.....

Pequenos agricultores, raros pastores, e pescadores indignos de menção, Indústrias as mais indispensáveis e caseiras.

Agricultores, pastores e pescadores de importância. Indústrias populares muito mais variadas, vastas e bem conduzidas.

ESTADO INTELECTUAL..	Mais manhosos e desconfiados do que inteligentes; frase dificilmente construída e lançada. Aptidões limitadas; as literárias e artísticas sem elaboração, conservando-se os termos e os cantos primitivos na sua Maior pureza; musicas monótonas e inexpressivas. Poesia individual reduzida a meros e extensos descritivos.	Em geral muito mais inteligentes; facilidade em construir e lançar a frase incomparavelmente Maior. Aptidões muito mais variadas. Educação literária e mesma, mas o sentimento artístico sofrendo mais ou menos uma elaboração constante; musicas variadas, por vezes extremamente graciosas e expressivas. Poesia individual vazada em muito melhores moldes.
ALIMENTAÇÃO.....	Quase exclusivamente pão de milho e couves, pouco peixe e carne de porco; pouco leite; presentemente péssimo vinho complicado de mau tabaco insulano; ausência completa do azeite como tempero; arte culinária extremamente simples.	Pão de milho e hortaliças; mais variedade e abundância de peixe e mariscos; carne de porco e leite formando a base da alimentação de muitas populações; melhor vinho e tabaco espanhol razoável; uso geral do azeite como tempero de todas as comidas; arte culinária muito mais variada.
CONDIÇÕES DE EXISTÊNCIA.....	Primitivamente de uma facilidade excepcional, presentemente difíceis; população exorbitante; impostos excessivamente pesados; emigração fácil, mas para terras distantes e estranhas.	Solo geralmente menos cultivado e fértil; mas a população também em geral pouco densa; impostos mais leves; emigração podendo fazer-se com vantagem e facilmente de distrito para distrito.

O exame do quadro precedente mostra que os camponeses de S. Miguel diferem dos de Portugal pelo seguinte: —

Estatura apenas menos elevada;  
 Diminuição muito sensível do diâmetro antero-posterior do crânio, o que conduz a uma

Sub-braquicefalia muito mais geral e diferença profunda para menos no número dos dolicocefalos puros (12 contra 54,5%);

Circunferência craniana muito menos elevada;  
 Ausência de olhos azuis e frequência muito superior de olhos verdes;  
 Proporção muito maior de cabelos claros;  
 Proporção maior de narizes convexos.

O facto essencial que resulta destas comparações, é que as diferenças de ordem antropológica que separam os camponeses micaelenses dos camponeses de Portugal, são incomparavelmente maiores do que aquelas que separam estes últimos entre si.

De todas estas diferenças a mais importante é a da forma do crânio. Nos camponeses de Portugal, os termos da série conduzem a uma dolicocefalia pura predominante; nos nossos camponeses, os termos convergem para a mesaticefalia, mas esta não é mais predominante do que o grupo subdolicocefalo, nem do que o subbraquicéfalo que, em Portugal, tem uma frequência mínima. Já vimos parte da curiosidade que pode apresentar esta frequência de sub-braquicéfalos na nossa população.

A frequência superior de olhos verdes torna-se muito interessante, não só como caracter solidário da braquicefalia, mas como substituição dos olhos azuis tão frequentes em Portugal e de que a nossa série não apresenta um só caso. Esta ausência de olhos azuis poderia julgar-se filha da confusão com olhos pardos levemente azulados; mas as percentagens iguais destes últimos mostram que a minha interpretação não diferiu muito da do Sr. Paula e Oliveira, e faz desvanecer essa suposição. Em todo o caso a proporção dos olhos verdes subsiste sem que para ela possa supor-se confusão nenhuma<sup>(32)</sup>.

A diferença entre as frequências dos cabelos claros e escuros tem menos importância, sendo aqui mais do que provável a existência dum modo diverso de apreciação. Contudo essa diferença é enorme para deixar de fazer acreditar numa distinção real<sup>(33)</sup>.

Na forma do nariz há diferenças notáveis, principalmente a forte proporção que temos dos mais ou menos convexos.

A inferioridade notável da circunferência craniana vem restabelecer o que dissemos do estado mental dos nossos camponeses. Se com os termos que compõem a série dos de Portugal, traçarmos uma curva centesimal no quadro, veremos que ela caminha intermediariamente à dos nossos e à dos micaelenses mais ou menos ilustrados, aproximando-se mais desta última.

Das destas diferenças, não contando a braquicefalia, residem principalmente nessa mesma braquicefalia, e isto parece-nos um bom resultado do nosso trabalho. Os nossos sub-braquicéfalos trazem-nos a principal depressão da estatura e da circunferência craniana. Já isto se viu na comparação que fizemos dos três grupos, dolico, mesati e braqui, ao terminar o capítulo antecedente; mas será útil repetir aqui essas comparações dum modo ainda mais evidente: —

---

(32) Mal que notei estas diferenças na primeira série que o Sr. Oliveira me enviou, escrevi-lhe a esse respeito e obtive as seguintes considerações: - «Pelo que respeita aos olhos, talvez também tenha havido divergência no nosso modo de os observar, mas não tanta como parece. São verdadeiros os contrastes de que V... se admira entre minhotos e ilhéus. Aqui a divergência pode ter sido na transição do castanho claro para o escuro, ou do pardo para o castanho. Parece-me que os olhos azuis que aparecem com frequência na minha lista, estão bem classificados, embora nenhum apresente o *bleu de faïence*. Tenho observado sempre um pardo azulado, mais ou menos carregado, e o azul bem visível sempre, excepto nos n.º 23 e 43 em que essa cor fracamente se distingue. Como V...me fala em olhos pardos levemente azulados, e suponho que os incluí no grupo dos pardos, pode fazer o mesmo a esses dois.

A coincidência de olhos azuis com cabelos escuros que V... estranha, não lhe deve causar admiração. A cor azul que tenho observado, não é pura, é a que resultaria da mistura de azul com preto, predominando este sempre mais ou menos. Podem pois associar-se olhos azuis com cabelos escuros sem contraste; o mesmo digo a respeito dos olhos verdes e dos pardos. Na escala das cores dos olhos que acompanham as instruções da Soc. de Antr. de Paris, há quatro cores predominantes: castanha, verde, azul e parda, correspondendo a cada cor cinco tons e variando cada uma desde o claro muito ténue até ao escuro quase preto. Na minha série predominam as cores escuras». — Isto que me escreve o Sr. Oliveira convenceu-me da realidade das diferenças que separam a nossa população: os olhos azuis, como ele os descreve, eu não deixaria de tomá-los por azuis, pois são exactamente os que observei depois em raros adultos e mais frequentemente em crianças. Os meus olhos pardos, posso afirmar que não têm nunca o azul por tom predominante; eles não têm equivalente rigoroso na escala da Soc. Antr. de Paris e podem dizer-se uma mistura do *gris*, n.º 18 e 19, com os *bleu*, n.º 13 e 14, predominando, ao contrário do que se dá na série do Sr. Oliveira, os tons claros.

(33) A probabilidade dum modo inteiramente diverso de interpretação também se desvanece à vista das observações - «Cabelo quase preto» - feitas pelo Sr. Oliveira aos seus n.º 93 e 107 e cujos cabelos, apesar disso, ele marcou em castanho escuros.

ESTATURA:	CAMP. DE	CAMP. MICAELENSES		
	PORTUGAL	DOLICO	MESATI	BRAQUI.
Inferiores a 160 cent.	27	14	16	52
Superiores a 160 “	73	86	84	48
	$\overline{100}$	$\overline{100}$	$\overline{100}$	$\overline{100}$
CIR. CRANIANA:				
57 a 60 centímetros	16	7	9	---
53 a 57 “	82	89	85	68
51 a 53 “	2	4	6	32
	$\overline{100}$	$\overline{100}$	$\overline{100}$	$\overline{100}$

Aqui se renova a curiosidade das observações feitas nos nossos braquicéfalos e com que terminámos o capítulo precedente. O último interesse constatado nessas observações foi-nos apresentado pela comparação com as populações francesas, na qual vimos que os atributos celtas predominam na população micaelense dum modo evidente, qualquer que seja a origem deles. Os celtas são, como é sabido, um povo em que muito se fala quando se trata de historiar a composição étnica do povo português; os megalíticos revelam a sua passagem étnica; a passagem antropológica não é, porém, de nenhum modo acusada nas séries que nos enviou o Sr. Paula e Oliveira: a dolicocefalia pura é aí muito dominante; os olhos verdes quase que não existem<sup>(34)</sup>. Como explicar um reaparecimento tão grande dos atributos celtas na nossa população através simplesmente da população portuguesa continental, quando nesta esses atributos desapareceram já?

Sem todavia querer avançar nenhuma hipótese, pois contra o sistema, mormente em antropologia, estamos muito prevenidos, alguns factos se aproximam irresistivelmente desta pergunta no nosso espírito. A Bretanha é uma das partes da França que maiores vestígios celtas apresenta, etnológicos e antropológicos; a denominação de Bretanha dada a uma das povoações da ilha cujo povo estudamos, é assaz problemática. Já vimos que esta povoação tem particularidades notáveis, entre outras a pronúncia nasalada e a aberta e demorada como no *cœur* e *peur*, e um *estivenste* (= estiveste) muito particular<sup>(35)</sup>; esta pronúncia francesa estende-se por toda a ilha ainda que em menor grau e faz-se sentir especialmente no *u*: um micaelense, camponês ou ilustrado, nunca pronuncia o *u* fechado como os portugueses do continente, e diz *rüim*, *füncho* e quase *miúla* = mula, e nunca *röi*, *fôncho* como se diz por exemplo em S.

(34) A impressão produzida no Sr. Oliveira pela comunicação deste achado curioso que pode bem ser a ponta da meda, vê-se no seguinte extracto duma das suas cartas: - «É muito singular a coincidência que V... nota nos micaelenses de braquicefalia ou sub-braquicefalia com os Maiores contrastes de cor dos olhos e dos cabelos. Como esse facto não se observa na minha lista de portugueses do continente, e ao mesmo tempo é característico de certas populações da França, talvez o fenómeno se pudesse explicar pelo estabelecimento nos Açores de colonos franceses. Esse tipo chamado *céltico* é, como V... sabe, frequente na Bretanha, mais no Auvergne, mais ainda na Sabóia. Destas duas últimas regiões é pouco improvável que tenha havido emigração para os Açores, mas talvez não assim da primeira.»

Convém dizer que esta hipótese do Sr. Oliveira é perfeitamente espontânea e filha logo das mais simples indicações, pois eu intencionalmente reservei todos os detalhes dos factos e todas as considerações para depois.

(35) Poderia também citar estas ligações; *dua-ze-chicras*, *a-ze-jarra-ze-cheias* = duas xícaras, as jarras cheias; mas do seu valor, como particularidade açoriana, ao menos, não estou muito certo.

Jorge. O Sr. Adolfo Coelho considerou este modo de pronunciar esta vogal como «facto do mais alto valor, revelando uma diferenciação considerável».

A nossa Bretanha faz parte essencial do grupo n.º 1 da nossa população, que estudámos na nota de pág. 67, e no qual a sub-braquicefalia predomina, ou, ao menos, a dolicocefalia é menos abundante, e aonde predominam também os caracteres solidários (não inteiramente dos celtas, na verdade, mas dos nossos sub-braqui), da menor circunferência craniana e frequência de cabelos pretos sensivelmente maior.

A mesma povoação da Bretanha é além disto duma notabilidade vulgar pelo seu tipo fisionómico distintíssimo e duma correcção excepcional em ambos os sexos, como o de S. António, povoação vizinha; é lá que se encontra aquela curiosa apelação pelas mães (nota de pág. 21); é lá que acabo de encontrar um sistema de habitação que ainda não encontrei em mais parte nenhuma da ilha: a *borralheira*, lareira primitiva, com um rudimento de chaminé sem abertura mais do que uns interstícios, e o forno longe da casa, no meio do quintal, ao ar livre e sem pequena casa própria; e isto encontra-se em grande número de casas, e sempre nas mais pobres, isto é, nas que melhor representam os estados primitivos.

Se ainda não há aqui uma convergência de provas suficientes, há certamente uma forte convergência de bases para um interessantíssimo problema, se ele puder algum dia resolver-se <sup>(36)</sup>.

---

Concluindo:

Parece-nos ter dado a conhecer diferenças importantes entre os camponeses micaelenses e os do continente que tiveram com eles uma origem comum. Não nos inclinamos porém a supor-lhes um valor que elas não possam ter. Julgamos ter já feito alguma coisa útil dando-as a conhecer como estímulo para estudos futuros mais completos.

Vista a dificuldade da investigação da nossa origem particular, cremos ter demonstrado que essa investigação não é indispensável e que bastam as diferenças actualmente ainda existentes de freguesia para freguesia em tipo fisionómico, pronúncia e intonação de voz, para provar que a ilha foi povoada de mui diversas partes do continente. Vimos também que as diversas populações de Portugal, ao menos as do norte e do centro, não diferem essencialmente entre si nas valiosas apreciações antropológicas susceptíveis de medida, o que torna por este lado ainda menos importante o investigar rigorosamente de que parte de Portugal viemos, e permite a comparação da nossa série com o todo da população continental.

As pequenas diferenças físicas que se observam entre os diversos habitantes de S. Miguel, foram de certo muito maiores e, continuando a cruzar-se exclusivamente entre si, os micaelenses virão a formar uma população homogénea muito distinta; é o

---

(36) A depressão da circunferência craniana e a da estatura são um pouco contraditórias, como também a da forte proporção de narizes convexos em lugar de côncavos (a não ser ela desmentida numa série maior). Não tendo podido prever os resultados das nossas medições, escapou-nos a do diâmetro bizigomático, tão importante como caracter céltico. Como compensação destas contradições, diremos que os nossos sub-braquicéfalos são os mais afectados nos 57 casos de frente oblíqua que a nossa série geral apresenta e nos de bossas frontais muito salientes, o que harmoniza de algum modo com o pouco desenvolvimento do crânio anterior dos bretões e com a sua frente vasta e cheia. As arcadas supraciliares salientes da nossa população afectam muito os dolico e os braqui, o que, nestes, é associação de caracter céltico, e, naqueles, de caracter berbere. As orelhas desviadas, afectando muito os dolico e quase nada os braqui fazem lembrar também a influência do tipo berbere, elemento antropológico tão importante na formação do povo peninsular.

que se vê demonstrado no conjunto de caracteres comuns que os distingue à primeira vista não só de todos os outros açorianos, dos que podiam diferir por origem, mas também dos portugueses continentais.

O resultado das nossas comparações já o resumimos neste facto essencial, que, diferindo antropológicamente entre si os camponeses micaelenses e os de Portugal apenas por pequenas diferenças do micaelense e os de Portugal apenas por pequenas diferenças do mesmo grau, eles diferem pelo contrário uns dos outros por diferenças dum grau incomparavelmente maior.

Estudando atentamente a constituição mental do povo micaelense, achamo-nos em face dum grupo inferior cujo estado intelectual não é desmentido pela generalidade da expressão e incorrecção do seu tipo fisionómico e pela pouca elevação da sua circunferência craniana.

Podemos agora compreender a importância dos primeiros capítulos deste trabalho, do estudo apropriado do meio, do movimento da população, das condições económicas e sociais de existência, que nos trazem a explicação dessa distinção profunda nos factos de ordem psicológica. Buscando achar o mecanismo da formação da raça que encontrou nos Tatra, o Dr. Gustavo Le Bon diz que a infecundidade do solo obriga os habitantes a entregarem-se a indústrias variadas exigindo todos os recursos da sua actividade; que contudo as condições e existência são tão difíceis e o clima tão rigoroso que a maior parte das crianças sucumbem e que somente os possuidores dum constituição muito vigorosa podem resistir. Nestas condições todos os incapazes estão fatalmente condenados a sucumbir. Uma selecção repetida durante séculos sobre as crianças e sobre os adultos deve ter contribuído para formar, por meio da acumulação lenta das qualidades adquiridas em cada geração, a raça vigorosa e inteligente que ele observou. Ora é precisamente o contrário o que podemos dizer a respeito dos camponeses micaelenses.

A distinção psicológica do nosso povo deve ser apenas tomada por uma fase estacionaria do desenvolvimento do povo continental. Pelo que respeita ao mecanismo da verdadeira diferenciação, a distinção nos caracteres antropológicos, devemos buscá-lo, pelo contrário, por enquanto, não nas simples condições do meio, mas simplesmente, numa redução e selecção casual dos elementos antropológicos, ajudadas durante quatro séculos por um isolamento profundo e constante. Talvez que um estudo mais detalhado e vasto, especialmente dos nossos braquicéfalos, possa de futuro demonstrar a existência dum elemento importantíssimo na formação da população micaelense. É isto um problema cuja resolução seria de uma importância capital na história açoriana. Aonde a história não tem uma só palavra, a antropologia iria demonstrar o facto mais inesperado da primitiva colonização, e folgamos de terminar o nosso longo trabalho com estas palavras sobre a utilidade incontestável desta bela ciência. Tendo formulado as diferenças que mais ou menos nos separam da população continental, e, se temos descoberto as bases dum interessantíssimo problema antropológico e histórico, o trabalho que elaborámos difícil e pacientemente durante perto de dois anos, não foi certamente estéril.